



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

CRISTIANE d'EÇA MOREIRA

**A VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO
ESPAÑHOL AMERICANO**

Salvador

2019

CRISTIANE d'EÇA MOREIRA

**A VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO
ESPAÑHOL AMERICANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Samara de Souza Almeida Ruas

Salvador

2019

AGRADECIMENTOS

“Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me ha dado la marcha de mis pies cansados
Con ellos anduve ciudades y charcos
Playas y desiertos, montañas y llanos
Y la casa tuya, tu calle y tu patio.”

Violeta Parra

A Deus, pela minha existência.

Aos meus Pais, meu irmão Thiago e às minhas filhas Luna e Ariel, pelo amor, apoio e força.

Ao professor orientador, querido Prof. Dr. Carlos Felipe, por ter me conduzido a caminhos e fronteiras inusitadas, a conhecer sobre a Linguística Histórica e a Teoria Gerativa. Seus ensinamentos e sua acolhida são para mim como a imagem do Eremita que sai da caverna com um lampião iluminando o caminho. A caverna representa a minha escuridão, a minha ignorância enquanto estudante aprendendo a dimensionar meu tempo e fatores internos para enxergar o quão neófito ainda sou com o mundo acadêmico! O eremita, com sua luz, esclarece e ensina os melhores caminhos a percorrer. E o melhor caminho foi, realmente, estudar a história da constituição afro-americana. Minha eterna gratidão por me fazer mergulhar em raízes tão nossas e saber do valor que elas têm!

À minha coorientadora, Prof^a. Dr^a. Samara Ruas, pelas intervenções relevantes para a construção desta pesquisa.

À amiga de infância Alcione Britto pelas lembranças alegres que tivemos na adolescência em Nazaré, Bahia.

Aos professores da Pós-Graduação (Alícia Duhá, Célia Telles, Carlos Felipe, Samara Ruas, Américo Venâncio), pelas aulas instigantes e reflexivas muitas vezes ao relacionar a “fazer ciência” na atualidade.

Aos colegas da UFBA (Albert Ribeiro, Layz Cruz, Simone Weibering e Fredson Pereira dos Santos), pelas discussões sobre a Linguística e momentos de risos e lágrimas.

Ao colegiado da Pós-Graduação, pela atenção e profissionalismo.

E, por fim, faço minhas as palavras da cantora cubana Celia Cruz ao dizer: “my english no very good looking”, minha imensa gratidão!

“Curiosamente, de la República Dominicana no tenemos textos de lenguaje bozal afrohispanico, tal vez porque para el siglo XIX la importación de esclavos africanos a Santo Domingo prácticamente había cesado. La escasez de ejemplos del habla bozal dominicana está en desacuerdo con la amplia representación del negro en la literatura dominicana (Caamaño de Fernández 1989), y requiere una explicación que incorpore los datos demográficos así como las manifestaciones lingüísticas de las comunidades de habla afrodominicanas. En efecto, casi todos los ejemplos de lenguaje ‘afro’ en la República Dominicana resultará ser productos de la compenetración multiseccular del español insular y la vecina lengua criolla de Haití.”

(LIPSKI, 2004)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sujeitos pronominais do Espanhol	57
Quadro 2. Marcação verbal do espanhol do Caribe.....	63
Quadro 3. Relação de informantes analisadas.....	66
Quadro 4. Quantitativo total de orações analisadas.....	69
Quadro 5. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Caracas Jovem.	70
Quadro 6. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Caracas Jovem.....	70
Quadro 7. Realização X Omissão do sujeito por animacidade - Caracas Jovem..	70
Quadro 8. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Caracas Idosa.	71
Quadro 9. Realização X Omissão do sujeito por pessoa - Caracas Idosa.	71
Quadro 10. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Caracas Idosa.	71
Quadro 11. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - México Jovem.	72
Quadro 12. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Jovem.....	72
Quadro 13. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Jovem.....	72
Quadro 14. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - México Idosa.	73
Quadro 15. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Idosa.	73
Quadro 16. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Idosa.	73
Quadro 17. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Havana Jovem.	74
Quadro 18. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Jovem.....	74
Quadro 19. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Idosa.	75
Quadro 20. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Havana Idosa.	75

Quadro 21. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Idosa.	75
Quadro 22. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Idosa.	76
Quadro 23. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Informantes jovens.	76
Quadro 24. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Informantes idosos.	76
Quadro 25. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Informantes jovens.	77
Quadro 26. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Informantes idosos.	77

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ECA	Espanhol do Caribe Antilhano
EC	Espanhol caribenho
ec	categoria vazia (<i>empty category</i>)
EE	Espanhol europeu
EPP	Princípio da Projeção Estendido (<i>Extended Projection Principle</i>)
GU	Gramática Universal
pro	Sujeito nulo
PB	Português brasileiro
PSN	Parâmetro do Sujeito Nulo
ERA	Real Academia Española
SN	Sujeito Nulo
SPEC- IP	Especificador do sintagma flexional
TMA	Tempo, Modo, Aspecto
TPP	Teoria dos Princípios e Parâmetros

RESUMO

A variação do espanhol, que, mesmo tendo sido objeto de discussão desde o final do século XIX, concentrou-se em aspectos fônicos e lexicais enquanto que a variação sintática foi pouco explorada. Considerando as perspectivas teóricas disponíveis durante a primeira metade do século XX para o estudo linguístico, a partir dos anos 1980, o modelo gerativista implementou uma perspectiva teórica a fim de explicar o funcionamento da faculdade da linguagem humana baseada no modelo de Princípios e Parâmetros. A variação entre realização e a omissão do sujeito nas diferenças das línguas pode ser explicada, assim, a partir de escolhas paramétricas diferentes. O objetivo da presente Dissertação é observar o funcionamento do sujeito pronominal no espanhol americano partindo da descrição do funcionamento da omissão/expressão do sujeito pronominal americano, observando fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar a omissão ou a expressão do sujeito pronominal no espanhol de Cuba, Venezuela e México a partir de um *corpus* de estudo constituído de maneira semelhante para cada uma das regiões. A dissertação está organizada da seguinte maneira: 1) Há uma introdução na qual são apresentadas as propostas, os problemas e as hipóteses do trabalho; 2) Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre a variação do espanhol na atualidade, com alguns destaques para o espanhol caribenho; 3) fazemos uma discussão sobre a realização e a omissão do sujeito pronominal com base na perspectiva tradicional e gerativista; 4) Apresentamos os dados e discutimos os resultados obtidos a partir da análise do *corpus* PRESEEA; 5) Fazemos as considerações finais do trabalho apontando que os dados não confirmam plenamente as hipóteses formuladas inicialmente.

Palavras-chave: Variação do espanhol; sintaxe; sujeito nulo; espanhol caribenho.

ABSTRACT

The Spanish variation is a discussion subject since the end of the XIX century. Although, the discussion concentrated in the relation of phonic and lexical aspects. The morphosyntactic variation, in particular, the syntactic variation, was less explored considering the theoretical perspectives available for linguistic study during the first half of the 20th century. Since the 1980s, the generative model implemented a theoretical perspective in order to explain the function of the faculty of language based on the Principles and Parameters model. The variation among subject's achievement and omission in the different languages can be explained from divergent parametric choices. The aim of this Dissertation is observe the pronominal subject functioning in American Spanish starting from the description of omission/expression functioning of the American pronominal subject, by observing linguistics and extralinguistics factors that can be conditioning the omission or the expression of the pronominal subject in the Spanish of Cuba, Venezuela and Mexico from a corpus of study constituted in a similar way for each one of the regions. The Dissertation is organized in the following way: 1) There's an introduction in which the proposals, the problems and the hypotheses of the study are presented; 2) Subsequently, we present a brief discussion about the Spanish variation in the present time, with some emphasis for the Caribbean Spanish; 3) we make a discussion about the realization and omission of the pronominal subject based on the traditional and generative perspective; 4) we present the data and discussed the results obtained from the corpus analysis PRESSEA; 5) we made the final considerations indicating that the data does not entirely confirm the hypotheses initially formulated.

Keywords: Spanish variation; syntax; null subject; Caribbean Spanish

RESUMEN

La variación del español todavía, ha sido objeto de discusión desde finales del siglo XIX, se ha centrado en los aspectos fónicos y léxicos, mientras que la variación sintáctica ha sido poco explorada. Teniendo en cuenta las perspectivas teóricas disponibles durante la primera mitad del siglo XX para el estudio lingüístico, a partir de la década de 1980, el modelo generativista implementó una perspectiva teórica para explicar el funcionamiento de la facultad de lenguaje humano basada en el modelo de Principios y Parámetros. La variación entre la realización y la omisión del sujeto en las distintas lenguas puede explicarse a partir de diferentes opciones paramétricas. El objetivo de esta disertación es observar el funcionamiento del sujeto pronominal en español americano a partir de la descripción del funcionamiento de la omisión / expresión del sujeto pronominal americano, observando factores lingüísticos y extralingüísticos que pueden condicionar la omisión o expresión del sujeto pronominal en español de Cuba, Venezuela y México de un *corpus* de estudio constituido de manera similar a cada una de las regiones. La disertación se organiza de la siguiente manera: 1) Hay una introducción en la cual se presentan las propuestas, problemas e hipótesis del trabajo; 2) Luego, se presenta una breve discusión sobre la variación del español actual, con algunos puntos destacados para el español caribeño; 3) hacemos una discusión sobre la realización y la omisión del tema pronominal basado en la perspectiva tradicional y generativista; 4) Presentamos los datos y discutimos los resultados obtenidos del análisis del corpus PRESEEA; 5) Hacemos las consideraciones finales del trabajo señalando que los datos no confirman completamente las hipótesis formuladas inicialmente.

Palabras clave: variación española; sintaxis sujeto nulo; Español caribeño.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Questões Norteadoras	15
1.2 Hipótese	17
1.3 Objetivos	18
1.3.1 Objetivo Geral	18
1.3.2 Objetivos Específicos	18
1.4 Justificativa	18
1.5 Metodologia.....	19
1.6 Organização do Trabalho	20
2 O ESPANHOL AMERICANO	21
2.1 A Variação do Espanhol Atual.....	23
2.2 O Dialeto Estándar: Unidade na Diversidade.....	27
2.3 O Espanhol do Caribe.....	31
2.4 Constituição Histórica do Espanhol.....	34
2.5 Situação Sociolinguística Atual.....	40
2.6 Concluindo a Seção.....	45
3 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO	47
3.1 O EPP	51
3.2 Pensando o Sujeito Pronominal.....	55
3.3 O Pronome Pessoal Sujeito Segundo a Gramática Descritiva	58
3.3.1 O Pronome Sujeito no Espanhol do Caribe.....	62
3.3.2 Concluindo a Seção.....	63
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	64
4.1 Metodologia.....	66
4.2. Descrição dos Dados.....	69
4.2.1 Caracas - Jovem.....	69
4.2.2 Caracas - Idosa	70
4.2.3 Cidade do México - Jovem	72
4.2.4. Cidade do México - Idosa	73
4.2.5 Havana - Jovem	74
4.2.6 Havana - Idosa	75

4.3 Discussão	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

A teoria Gerativista considera a língua como uma capacidade biológica e inata no ser humano a partir de uma Faculdade da linguagem. Chomsky (1986) chama de língua-I um sistema interno à mente humana, com propriedades específicas cujos princípios regulam a sua estruturação no uso e na função comunicativa, que se difere de uma língua-E, que seria a realização superficial, o conjunto de sons associados a significados; ou seja, a materialização da língua-I. Para ele, os componentes da estruturação possuem princípios universais invariáveis e parâmetros abertos à variação, que seriam os responsáveis pela diferenciação entre as línguas.

No âmbito da sintaxe, Kenedy (2013) e Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2013) retomam a ideia chomskiana, afirmando que o conhecimento linguístico no indivíduo se dá pela agregação de estruturas que definem a língua em particular como também apresentam diversas propriedades que são comuns em todas as línguas naturais.

Uma das propriedades que tem sido tema de diversas investigações é o sujeito nulo. Fenômeno relevante; toda língua apresenta sujeito em sua estrutura sintática, que pode estar realizado ou oculto.

Os sujeitos podem ser nominais ou pronominais.

Nas diferentes línguas, o sujeito pronominal pode ser referencial, ou seja, quando é selecionado como um argumento do verbo com valor semântico claro e específico ou pode ser expletivo, quando não tem valor referencial e está na sentença somente para satisfazer requerimentos sintáticos.

Nos exemplos abaixo, observa-se o sujeito referencial:

- | | | |
|-----|-------------------------|----------------------------------------|
| (1) | a. Juan compró manzanas | (Juan - sujeito nominal referencial) |
| | b. João comprou maçãs | (João - sujeito nominal referencial) |
| | c. él viajó | (él - sujeito pronominal referencial) |
| | d. ele viajou | (ele - sujeito pronominal referencial) |

Os sujeitos referenciais acima compõem os sintagmas das estruturas como argumento externo, pois o núcleo lexical verbal “comprar” s-seleciona dois

argumentos (quem compra e o que é comprado), fato semelhante se dá com “viajar”, que s-seleciona apenas um argumento (quem viaja). Quando o sujeito referencial é nominal, está realizado obrigatoriamente na sentença, diferentemente do sujeito pronominal, que pode estar realizado ou não:

- (2) a. João disse que a Maria viajou.
b. *João disse que ___ viajou¹.

- (3) a. João disse que ele viajou.
b. João disse que ___ viajou.

Nos exemplos em (4) a seguir, por outro lado, tem-se casos de sujeito expletivo:

- (4) a. it rains.
b. * ___ rains
c. ___ Chove
d. ___ Llueve

O sujeito expletivo (It) do inglês não possui valor semântico, neste caso, uma vez que o verbo “chover” não seleciona nenhum argumento. Já no espanhol, o sujeito expletivo é nulo, ou seja, não aparece realizado fonologicamente, uma vez que essa língua, diferentemente do inglês, permite a omissão dos sujeitos.

É importante notar que somente os sujeitos pronominais podem ser expletivos. Os sujeitos nominais, pelo contrário, sempre se apresentam preenchidos e com valor semântico específico, não podendo funcionar como elementos anafóricos por serem expressões referenciais.

É relevante afirmar também que o sujeito pronominal no espanhol pode ser realizado (explícito) ou nulo (oculto). Diferente do inglês que apresenta uso obrigatório, como se pode ver no contraste entre os exemplos em (5):

- (5) a. Juan dijo que él comió manzanas.
b. Juan dijo que _____ comió manzanas.

¹ A oração se torna agramatical com o nulo referindo-se a “Maria”. Ou seja, sem retomar algum referente novo, que equivale a uma expressão referencial.

- c. John said that he eats apples.
- d. *John said that ____ eats apples.

Em (5b), o sujeito é selecionado semanticamente pelo verbo, mas pode estar oculto. Já no exemplo em (5c), a realização do sujeito pronominal é ²obrigatória como se comprova pelo contraste com o exemplo em 5d, no qual a ausência do sujeito torna a oração agramatical.

Assim, as línguas podem ser classificadas em dois grupos: Línguas de sujeito obrigatório e línguas de sujeito nulo. As primeiras exibem o sujeito pronominal realizado de forma obrigatória na sentença mesmo que seja um elemento expletivo (sem valor semântico). As segundas, línguas de sujeito nulo, permitem a possibilidade de sujeito não realizado (oculto) na oração³.

Atualmente, aspectos dessemelhantes à sintaxe do espanhol estândar vêm acontecendo na sintaxe do espanhol caribenho em relação ao uso quase obrigatório dos pronomes pessoais na posição de sujeito, sugerindo que essa variedade tenha perdido ou esteja perdendo a característica de uma língua de sujeito nulo.

Esse aspecto fica evidente no espanhol caribenho, mas não chega a se apresentar como de sujeito obrigatório (a exemplo do francês e inglês). Daí que possam ser consideradas como semi - pro drop (GUTIÉRREZ MATÉ, 2013).

1.1 Questões norteadoras

A partir do exposto, levantam-se algumas questões :

- (6) a. Em que medida as variedades do espanhol do Caribe estão se distanciando das demais (que são pro drop, i.e., línguas de sujeito nulo?);
- b. Considerando o fenômeno em questão, o espanhol Caribenho é uma variedade única ou heterogênea (com variação interna)?

² Luján (1999) explica que existem diferenças significativas entre a expressão e a omissão do pronome no espanhol. Nas frases “Juan dijo que ____ comió la manzana” y “Juan dijo que él comió la manzana”, Na primeira sentença o valor do pronome vazio é relacionado obrigatoriamente com o sujeito da oração matriz. Já na segunda, o sujeito explícito pode ter relação ou não com o sujeito da oração matriz, dependendo do contexto.

³ Vale a pena mencionar que Roberts (2019) e Duarte (2019) destacam que o panorama é mais complexo. As línguas de sujeito nulo podem ser subdivididas em, pelo menos, dois grupos: línguas de sujeito nulo consistente e línguas de sujeito nulo parcial.

As línguas se diferenciam entre si por uma propriedade paramétrica: Pro drop (quando a língua permite o sujeito nulo) e Não pro drop (quando o sujeito é de uso obrigatório). O espanhol da Europa é uma língua de sujeito nulo. O foco desta pesquisa levanta questionamento sobre a dessemelhança do fenômeno do sujeito nulo presente no espanhol caribenho, tendo em vista que esta propriedade toma rumos diferenciados na língua espanhola da Europa. Neste sentido, o problema principal desta investigação é a descrição do funcionamento do sujeito nulo em variedades americanas e da compreensão desse distanciamento entre algumas variedades do espanhol com relação à realização do sujeito pronominal.

Gutiérrez Maté (2013) apresenta o “sincretismo e a hipótese funcional” como a possibilidade da omissão do sujeito e a relação entre o sistema rico de afijos verbais de número/pessoa. Essa variação provoca ambiguidade e leva a diversas discussões sobre a perda de /s/ de fim de sílaba que afeta a terminação verbal de 2ª pessoa do singular no Espanhol do Caribe. Observa-se em (7):

7)	EE (espanhol europeu)	EC (espanhol caribenho)
	Yo estudiaría	“yo etudiaría”
	Tú estudiarías	“tú etudiaría”
	él estudiaría	“él etudiaría”
	Nosotros estudiaríamos	“nosotro etudiaríamos” ⁴
	Vosotros estudiaríais	-----
	Ellos estudiarían	“ello etudiarían”

A perda do /s/ da terminação verbal da 2ª pessoa do singular (causada pelo apagamento fonético geral do /s/ em final de sílaba e a falta frequente de sujeito pronominal) denuncia uma informação semântica confusa. Desta forma, ocorrem outros mecanismos compensatórios. Ainda, Morales (1997, p. 153-165) diz que existem evidências quantitativas sobre a hipótese da compensação funcional em que afirma que os sujeitos pronominais se realizam foneticamente nas variedades desta região como paliativo da perda da flexão verbal de número/pessoa.

Outro caso também discutível sobre o que leva ao distanciamento do paradigma de pro drop (possibilidade de sujeito nulo) no espanhol caribenho em

⁴ A forma “vosotros” não é utilizada em nenhuma variedade americana, o que, por si, desestabiliza o sistema pronominal como bem indica Company Company (2003).

relação ao espanhol geral é o expletivo “ello”, em que o sujeito pronominal não cumpre função temática, sendo uma evidência de que o parâmetro mudou na variedade caribenha. No espanhol geral, isso não ocorre. Os exemplos abaixo em (8) mostram a diferença:

- | | | |
|-----|---------------------------------|---------------------------------|
| (8) | EE (Espanhol europeu) | EC (espanhol caribenho) |
| | a. __ Hay Dulce de ajonjolí | Ello hay dulce de ajonjolí. |
| | b. __ Dicen que no es muy buena | Ello dicen que no es muy buena. |

Em (8 a/b) do espanhol europeu, o sujeito não aparece nas sentenças. Para Fernández Soriano (1999: p. 1225), “sujeito de referência arbitrária” nunca é expresso por um pronome de terceira pessoa no espanhol europeu. Diferente da sentença em (8b) do espanhol caribenho, na qual aparece um sujeito de referência arbitrário. Nesses casos, parece também que este fenômeno não segue a regularidade do paradigma pro drop da língua espanhola. O pronome “ello” tem valor expletivo no espanhol caribenho, como afirma Jaqueline Toríbio (2000: p.321)

And perhaps the most noteworthy characteristic of the dialect is the presence of the non-referential pronoun *ello*, which is completely devoid of thematic content; this overt expression of an expletive, as it has no equivalent in other varieties of Spanish.

Como podemos observar, o primeiro problema, portanto, é se o funcionamento do sujeito nulo se dá de forma igual no espanhol caribenho e nas demais variedades do espanhol e o segundo problema é, constatado que há diferenças entre o espanhol caribenho e o espanhol não caribenho, observar se, dentro do Caribe, há variação dialetal ou não.

1.2 Hipótese

Assumimos a hipótese de que o funcionamento do Parâmetro do sujeito nulo no espanhol do Caribe não se dá da mesma forma que em outras variedades do espanhol, mas que poderia haver variação interna dentro das variedades hispânicas do Caribe.

No EC, a variação se dá de um lado, pela omissão do sujeito e, por outro, o seu preenchimento, devido à queda do morfema de pessoa e número, na 2ª pessoa do singular, ocasionando certa ambiguidade entre as três pessoas do singular (yo, tú y usted) e, a partir disso, favorecendo o preenchimento do sujeito das pessoas do singular. A **hipótese** é que, no espanhol caribenho, o que estaria em jogo é a oposição entre pessoas do singular, por um lado e, do plural, por outro.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Observar o funcionamento do sujeito pronominal no espanhol caribenho.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) descrever o funcionamento da omissão/expressão do sujeito pronominal no espanhol caribenho;
- b) Observar fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar a omissão ou expressão do sujeito pronominal.

1.4 Justificativa

O tema pesquisado decorre do estudo da variação micro paramétrica do espanhol caribenho na tentativa de entender como está se distanciando da origem (uma variedade pro drop) seguindo rumos paramétricos de língua não pro drop.

O outro argumento é investigar pelo olhar da sócio-história os processos gramaticais da língua que culminam no mesmo resultado, porém entender como que a sócio-história pode favorecer ou não no processo do preenchimento do sujeito.

Desta forma, faz-se necessária e importante a realização desta pesquisa, pois vai dar possibilidades de compreender como a teoria da gramática Gerativa explica o que acontece no espanhol do Caribe, apresentando fenômeno em parte, diferente do espanhol da América (tomando a observação do espanhol estandar do México como controle). É a partir da investigação desse comportamento dessemelhante que merece ser aprofundado.

Por outro lado, esse trabalho também se justifica partir do momento em que se discute as características da variação do espanhol e seu funcionamento,

lançando luz sobre a discussão acerca da variação gramatical do espanhol na atualidade.

1.5 Metodologia

A metodologia adotada será uma abordagem essencialmente dedutiva. Parte-se de uma hipótese prévia e pretende-se comprová-la ou refutá-la a partir da análise dos dados. Neste sentido, a metodologia será de cunho quantitativo e qualitativo, na qual a realização da pesquisa descritiva empírica terá como instrumento a coleta de dados, a análise da produção de falantes de Caracas, Havana e México (como variedade de controle por não ser uma variedade caribenha). O *corpus* será constituído, inicialmente, a partir de dados do PRESEEA (Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América).

A princípio, esta dissertação seguirá algumas categorias principais que nortearão o trabalho. O primeiro ponto é explicar como ocorre a realização do parâmetro do sujeito nulo na fala da população de Caracas (Caribe continental) e Havana (Caribe costeiro) através de percentuais em cada contexto, análise de realização/omissão do sujeito pronominal em oração subordinadas, relativas e coordenadas, etc. Os dados serão classificados seguindo critérios linguísticos e extralinguísticos de maneira que se possa averiguar quais fatores estarão em jogo para o favorecimento ou não da expressão/omissão do sujeito no espanhol do Caribe.

O segundo ponto é fazer uma revisão bibliográfica da Sócio-história que fundamente o estudo em questão para explicar o fenômeno sincrônico, tendo em vista que a cultura negra está presente nessa região estudada. Por exemplo: olhar o contingente de migração da África ao Caribe; quantos negros apareceram, tipo de população e como se deu o contato, o que a bibliografia apresenta em relação à inserção do negro da África no Caribe. Por fim, entender como esse processo de contato de línguas influencia a sintaxe do espanhol.

Cabe informar que esta pesquisa não tem interesse de fazer estudo diacrônico, porém buscar uma compreensão dos contatos dos povos africanos que foram para o Caribe no intuito de levantar hipóteses de como essa relação aconteceu, de como o fenômeno sintático se condicionou a partir do olhar sobre a cultura, tendo em vista que o componente sintático é semelhante. Além disso, faz-

se mister, para uma pesquisa, *a posteriori*, a realização de um estudo diacrônico para encontrar semelhanças de dados. Desta forma, não é a explicação da mudança que nos interessa, mas a comparação dos dados sincrônicos com a sócio-história para que, no futuro, possa executar um estudo diacrônico desse panorama delineado.

1.6 Organização do Trabalho

A dissertação está organizada da seguinte maneira: 1) Há uma introdução na qual são apresentadas as propostas, os problemas e as hipóteses do trabalho. 2) Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre a variação do espanhol na atualidade, com alguns destaques para o espanhol caribenho. 3) fazemos uma discussão sobre a realização e a omissão do sujeito pronominal com base na perspectiva tradicional e gerativista. 4) Apresentamos os dados e discutimos os resultados obtidos a partir da análise do *corpus* PRESSEA. 5) Fazemos as considerações finais do trabalho, apontando que os dados não confirmam plenamente as hipóteses formuladas inicialmente.

2 O ESPANHOL AMERICANO

Vários estudos foram direcionados para o espanhol da América, levando a muitas generalizações na tentativa de explicar a variação linguística do espanhol americano. Mas, o que é na verdade o espanhol americano? É uma modalidade específica da língua espanhola? Qual sua característica constitutiva? Essas e outras são algumas das muitas questões que deixam uma lacuna a respeito do seu conceito e constituição entre o espanhol da América frente ao espanhol peninsular, incidindo em estereótipos, especulações e falta de clareza como se existissem entidades diferentes, bem como características que não foram definidas concretamente, inclusive sobre a homogeneidade do espanhol americano. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993).

Atualmente, é mito considerar o espanhol americano como um bloco homogêneo. (PINTO, 2009, p.45) Assim, citaremos algumas hipóteses genéticas que demonstram o problema da origem e classificação da diversidade linguística do espanhol americano.

A diversidade do espanhol americano ainda é bastante discutida e, cada vez mais, surgem novas abordagens de investigação nos dias atuais. Antes de 1950, a linguística clássica era pautada em teorias direcionadas aos níveis fonológicos e lexicais. Henríquez Ureña (1921), Rona (1964) afirmaram que o espanhol americano não era homogêneo. A homogeneidade do castelhano falado no Novo Continente seria considerada mito, pois falar e escrever sobre esse tema sem conhecer a língua seria incorrer em generalizações. Primeiro porque, até aquela época, os estudos linguísticos e filológicos não eram suficientes e a dialectologia, quando surgiu com critérios metodológicos mais assertivos, deixou claro que poderia usar outras perspectivas de análise. Assim, o estudo de textos americanos procedentes do nível popular e transcritos foneticamente evidenciou muitas diferenças, não somente entre regiões distantes entre Chile e Cuba como nas zonas relativamente próximas e, na maioria dos casos, a homogeneidade do espanhol americano era apenas uma crença.

Fontanella de Weinberg (1993) também definiu o termo espanhol americano como uma entidade dialetal que nasce de uma constituição geográfica e histórica e não como um bloco homogêneo em oposição ao espanhol europeu e diz que o espanhol americano “es el conjunto de variedades del español habladas en

América, que comparten una historia común por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano” (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p.15) .

Pinto (2016) destaca que, por se tratar do espanhol americano ter sido uma língua transplantada, ou seja, teve origem em outro continente, deve-se ter o cuidado com os estereótipos que se tomam quanto ao termo “língua contaminada” como se os hispano-americanos não tivessem a fala legítima e que a variedade da Espanha tivesse mais “pureza linguística” por se tratar de “língua mãe”. Um ponto importante que o autor trata é que o espanhol americano teve um desenvolvimento histórico e independente do espanhol europeu, a partir do século XVI, e que todo o processo da língua materna levada a esse continente sofreu processo de aculturação ocorrida no período da conquista e colonização.

Quanto à origem e classificação do espanhol americano, surgiram diversas hipóteses sobre as variedades do espanhol. Fontanella de Weinberg (1993) apresenta três hipóteses que caracterizam o espanhol americano: A Indigenista; a Andaluzista e a Poligenética (acreditavam em desenvolvimento paralelo e independente das línguas indígenas e do dialeto andaluz).

Deste modo, o panorama de investigações, a partir de 1970 e 1980, era a evolução linguística vista como estudo global. De um lado, visto como um conjunto da evolução dos diferentes traços em cada região e, por outro, comparando os diferentes traços com a evolução dos diferentes fenômenos linguísticos (seseo, voseo, etc) em regiões diferentes.

Estudos mais atuais, com uma visão sócio-histórica sobre transplantes e contatos de línguas que caracterizam a configuração das distintas variedades do espanhol americano: a Koineização⁵ (contato dialetal ou processo proveniente da formação de koiné⁶) e Estandarização⁷ . Ambos os processos tiveram um

⁵ Koineization is best conceived as a two- tiered model or process. Such mixing is especially likely during large population movements to new towns, frontiers, and colonies, and is accompanied by a sudden breakdown, in social networks and, consequently, norm enforcement. The language varieties are mutually intelligible (or quickly become so through exposure), and include regional varieties, sociolects, adult inter languages, and child languages. (TUTEN, 2003, p.90)

⁶ koiné es el resultado estable de la mezcla de subsistemas lingüísticos regionales o literarios. Suele servir como *lingua franca* entre hablantes de diferentes variedades y se caracteriza por la mezcla de rasgos de esas variedades y más frecuentemente por la reducción o simplificación de sus elementos, es decir, en el momento en el que en una región dada confluyen hablantes con diferentes modalidades hay, por así decirlo, una “sobrecarga” de rasgos propios de cada modalidad.(SIEGEL, 1985:363 *apud* MEDINA LÓPEZ, 1997, p.33)

importante papel no que diz respeito à fala americana. A koineização não se deu de forma única em todo continente, mas apresentou processos paralelos em vários aspectos (procedência dos colonizadores; tempo de colonização etc.)

Luengo (2007) ressalta que a gênese do espanhol americano se deu em condições extralinguísticas bastante complexas, denominado espanhol antilhano por ter sofrido influências de variedades dialetais e processos de crioulização. Segundo o autor, a personalidade americana se formou, de fato, a partir do contato multidialetal, dando constituição específica e característica única da região. Outro aspecto que vale a pena mencionar é o contingente populacional que foi crescente desde o período da colonização, levando a diversas reconfigurações dialetais que explicam tais particularidades, no entanto, por falta de elementos que provem a origem concreta do espanhol antilhano, essas explicações não foram a base original do espanhol americano.

2.1 A Variação do Espanhol Atual

Qual o peso da língua espanhola no mundo? Moreno e Otero (1998) apresentaram aspectos principais ao abordar um panorama geral da situação do espanhol no mundo e da sua vigência. A saber: idioma homogêneo, cultura de primeira ordem; língua internacional, compacta geograficamente, em expansão, índice de comunicabilidade e diversidade do domínio hispânico. Os autores dizem que, dentre os critérios anteriores, o índice de comunicabilidade e de diversidade são muito subjetivos para determinar como conceito. Desta forma, questionam sobre os critérios que determinam a homogeneidade da língua e, se em termos lingüísticos, o sistema seria o mesmo. Para eles, a homogeneidade possui variedades internas mesmo em áreas e grupos sociais diferentes, mesmo se tratando de *Koine*, por possuir um sistema vocálico e consonântico comum a todos os hispano falantes. E dizem ainda:

⁷ Incidió en la configuración de los distintos tipos del español americano y asume diferentes características en cada uno de ellos. En efecto, si definimos a la variedad estándar como “la forma codificada de un idioma que es aceptada y que sirve de modelo a una comunidad relativamente grande”⁵² y la estandarización como el paso de un habla popular (folk speech) a variedad estándar, es indudable que en la mayor parte de las variedades urbanas- se ha dado un proceso de estandarización. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p.48). Veja também em Siegel (1985) e Medina Lopes (1997).

“Manifestaciones de la lengua española todas sus variedades europeas, americanas africanas, incluyendo las hablas criollas de base hispánica o de componente principal hispánico (papiamento, chabacano, palenquero), así como las variedades judeo- españolas distribuidas por varios lugares del mundo”. O espanhol possui um critério estabelecido pelo número de falantes de três maneiras: grupo de língua materna em países ou territórios onde é língua oficial; junto a alguns territórios bilíngües ou com outras línguas, e os hispanofalantes que residem em países em que o espanhol não é oficial. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.17)

Portanto, os autores afirmam que os aspectos demolínguísticos devem ser vistos com reservas devido à escassez de fontes, no entanto, ajudam a explicar a riqueza e variedades da língua.

Fontanella de Weinberg (1993) afirma que “espanhol atlântico” possui duas variedades: as conservadoras e as inovadoras. As características mais inovadoras são consideradas pelos andaluzistas elementos lingüísticos de Andaluzia. Destacam-se o yeísmo, a perda ou confusão de /-l/ e /-r/; aspiração de /-s/ e a perda de /-d-/ durante o período colonial e *el seseo*. Mas, ainda assim, poucas análises foram dedicadas às variedades do espanhol americano referentes à sua constituição, só vindo a ocorrer em estudos comparativos mais recentes. Moreno Fernández (1998) também ressalta que, mesmo não tendo coincidências nas variações, foram encontrados o voseo somente na América; e zonificações mais específicas como: a perda de /s/ em Havana, San Juan de Puerto Rico e aspectos mais conservadores no México, Bogotá ou La Paz. Outros autores também trataram desse tema: Álvarez Nazario, Rojas, Fontanella e Quesada. Esses três últimos, os mais recentes, abordaram a evolução linguística de diferentes fenômenos em diferentes regiões da América, marcando uma nova abordagem de estudos desde o assentamento dos povos no período entre o século XIX até os dias atuais.

Os aspectos mais importantes dessa fase foram que o *seseo* expandiu por toda a Hispanoamérica, na época colonial, havendo confusões com a sibilante e formando a primeira geração de crioulos e indígenas hispanizados, que eram “seseantes”. O *yeísmo* se deu de forma lenta, porém o *seseo* foi mais presente

nas zonas da Costa Rica no período do século XVII. Algumas formas como: *nosotro tenemos... nuestro nombres* (ESPARZA, 1591); *todos los auto* (NICOYA, 1623); *vita* por “*vista*” (MARTINA, 1638), demonstrando que a omissão poderia indicar a sonorização da /-s/ final antes de consoante (variação permanece até a atualidade); Alterações e perdas de /-l/ e /-r/ (séculos XVI e XVII em escritos e, no século XVIII, o processo se confundiu e depois se tornou um traço generalizado); a perda de sonoras intervocálicas (século XVI) e a perda do /-d/ nos sufixos -ado, -ada, -ido em toda região da América. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 365)

A partir dos anos 70, foram realizados vários trabalhos quantitativos, tomando como base índices relativamente homogêneos, indicando que as Antilhas eram uma unidade linguística e, em seu aspecto geral, apresentavam debilitamento consonântico ou variedades lexicais de origem marinheira, indígena e africana. Orlando de Alba (1995) foi um dos pesquisadores que considerou particularidades integradas do espanhol dominicano como generalização caribenha: vocalização de r/l implosivas (*pueito, caita...*) em Cibao, a terminação -se em plural na região sul- ocidental (*cafese, estrellase, profesórese*) e perda de -s no final de palavra. Das comparações obtidas de Porto Rico e República Dominicana, do ponto de vista fonético e sintático, López Morales (1998) e Orlando de Alba (2000) mostraram percentuais de uso e diferenças linguísticas bastante importantes. Por exemplo: a) diversas estruturas anglicadas devido ao contato com o inglês; b) elementos dos afronegrismos e indigenismos presentes nessa zona, porém não havia mecanismos para a sua conservação, pois muitas delas se tornaram fossilizadas e já não havia mais funcionalidade para maioria da população.

López Morales (2005, p.155) critica que a base do objeto teórico de pesquisa nessa época possui muitos problemas. Primeiro, a perspectiva estava apenas direcionada aos elementos de pronúncia; segundo, os dados não eram tão seguros e terceiro, as variáveis selecionadas não foram as mais adequadas para estabelecer as zonas dialetais (o campo era muito geral ou a extensão foi realmente limitada). Os casos excepcionais eram as isoglossas que tinham uma tendência de se encontrar sem nenhum padrão aparente. Mas foi a partir desse estudo que direcionou pesquisas empíricas comparativas entre México e República Dominicana. Ele ainda acrescenta que:

Propuesta absolutamente contraintuitiva; de que, mientras que algunas de ellas abarcan una extensión desmedida (Casi todo el México, las Antillas, costa caribe de Venezuela y Colombia, mitad oriental de Panamá), otras alcanzan a una pequeña región de Uruguay, y de que se rompa constantemente la contigüidad geográfica entre diferentes regiones de la misma zona. (p.155)

Outra abordagem que o autor cita como investigação de traços homogêneos e que, para ele, é mais aceitável seria dividir os estudos em duas zonas: terras baixas e terras altas. Nas terras baixas, foram encontrados os debilitamentos consonânticos, enquanto que, nas altas, a conservação do consonantismo final. Essa divisão foi proposta por Lipski (1994) na qual “tierras bajas” e “tierras altas” fazem referência à origem dos colonizadores: Os andaluzes ficaram nas regiões próximas ao mar enquanto que, nas terras altas, as variantes do norte se concentraram com maior influência devido ao poder administrativo colonial.

Apesar de muitos estudos sobre zonas dialetais para o espanhol desde a perspectiva da fonologia e do léxico, muito pouco foi visto na área da variação gramatical entre classes sociais. Listamos a seguir alguns autores que se debruçaram sobre esse assunto: Bentivoglio (1987, 1988, 1989), Klein (1980); Lavandera (1975); Morales (1986), Sedano (1989); Silva-Corvalán (1979, 1989). Sobre a gramática do espanhol do Caribe, Moreno Fernández (1998, p.41) destacou o uso expresso do pronome pessoal sujeito: *¿Tú te quedas o tú te vas?*; *ustedes* com valor de segunda pessoa do plural; *tuteo*; pronomes antepostos ao verbo em frases interrogativas: *¿qué tú quieres?*, dentre outros.

A nossa investigação possui um arcabouço teórico gerativista, então, faz-se importante abordar a proposta de *zonificación* a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros. A análise pela Gramática Gerativa considera os critérios objetivos. Pinto (2009) levanta uma discussão sobre a importância da gramática no momento de definir zonas dentro do citado idioma, apresentando aspectos empíricos sobre a variação sintática⁸ do espanhol, bem como analisar interesses

⁸ As seguintes variações sintáticas do espanhol: o uso dos clíticos, a perda da propriedade pro drop no Caribe, a inversão VS em interrogativas do Caribe, o sujeito não realizado em sentenças não finitas e a clivagem.

políticos e econômicos que influenciam na difusão da língua espanhola e seu ensino.

2.2 O Dialeto Estándar: Unidade na Diversidade

Primeiramente, o termo “estándar”⁹ é provocativo. Lope Blanch (2002) faz uma crítica a respeito de como determinar os fatos linguísticos próprios de cada norma¹⁰ geográfica quando diz:

“me parecía necesario llegar a saber qué nos separa y qué nos une, desde el punto de vista lingüístico, a los países hispanohablantes” . (...) “Las investigaciones realizadas hasta el momento parecen probar que la unidad esencial de la lengua española está sólidamente establecida, y que el temor a una posible fragmentación idiomática de nuestra lengua común está muy lejos de corresponder a una amenaza real histórica.” (p. 25-26)

Na citação acima, o autor se refere à homogeneidade linguística considerando como condição favorável à norma geral da hispanoamérica, mas ressalta que o termo é um conceito relativo, pois são os falantes que manifestam o próprio sistema linguístico constituído por variedades. Ele acrescenta ainda:

Queda bien claro: Cada dialecto tiene su propia validez y se rige por una norma particular válida en su ámbito comunicativo; y el hombre culto, hace bien en hablar como le parece mejor, es decir de acuerdo con una norma culta superior, pero no exclusiva ni negadora de la validez de las otras normas.

Mas no cabe Duda de que esa norma culta, dentro de cada dialecto geográfico, es la que dirige la vida del idioma, la que da la pauta y sirve de modelo a muchas de las otras normas, y, sobre todo, la que más contribuye a mantener la unidad fundamental, básica de la lengua, gracias a su proximidad con otras normas cultas de países diferentes, que entre las normas culta popular de una misma ciudad.

El ideal de norma lingüística hispánica- reitero- existe sin duda alguna, aunque no todos los hispanohablantes tengamos consciencia de ellos. (p.27-31)

⁹ “when a ‘circumstantial’ language standardization takes place, where speakers make few conscious decisions to develop a standar” [...] this dialect is associated with power and prestige”. (McColl Millar, 2005, p.79-83)

¹⁰ Lope Blanch diz que el concepto de norma linguística es relativo; que cada dialecto posee una o varias normas particulares, propias, válidas todas ellas dentro de sus diversos límites geográficos o socioculturales. (2002, p.26)

Portanto, com base nos trechos acima, Lope Blanch (2002) discute a norma culta como importante veículo de conservação da unidade linguística dentre as variedades hispânicas e explica as propostas que determinam a superioridade de uma forma sobre a outra.

Já o termo espanhol caribenho também foi parte de um longo debate discutido por Lipski (1996, 2003); López Morales (1980, 1998); Morales (1986, 1997); Pharies (2007) no qual se designou uma variedade linguística de uma determinada zona geográfica (isoglossa) de uso delimitado. Desta forma, é importante sinalizar que todas as línguas são suscetíveis à variação através das manifestações de fala e tal variação está condicionada tanto por fatores linguísticos quanto por variáveis extralinguísticas, sociodemográficas e estilísticas etc. (LABOV, 1966, 1982). Essa ideia surge da tentativa de explicar que falantes da mesma língua sofrem variações dialetais em diversos níveis: a) *indicadores* (fatores socioeconômicos, étnicos, idade); b) *Marcadores* (classe social ou estilo); c) Estereótipos (formas estigmatizadas dentro da comunidade) (MEDINA MORALES, 2005, p.115-137).¹¹

Segundo Alba (1992, p.526), a noção de uniformidade é falsa. Considera uma ideologia que se contrapõe aos próprios falantes em suas apreensões subjetivas. Por exemplo, o cubano reconhece que seu espanhol não se confunde com o espanhol do dominicano. A percepção dessa realidade dos fatos linguísticos na região do Caribe mostra que os falantes percebem, por eles mesmos, as diferenças. Assim, torna-se legítimo questionar se o Caribe apresenta uma coexistência de modalidades dialetais diferentes no interior de suas fronteiras. Tendo em vista, por esse fato, o autor justifica que os critérios metodológicos são relativos quando se toma por blocos geográficos.

A corrente dos “caribistas”, encabeçadas por Henríquez Ureña (1921) e Navarro Tomás (1948), direciona suas investigações pela variedade local, colocando o espanhol caribenho em oposição ao chamado espanhol peninsular. Moreno Fernández (2000) também compara as distintas variedades nos vieses da

¹¹ Francisca Medina Morales (2005) destaca algumas terminologias como bastante relevantes quando diz: “ Es fundamental la distinción entre variable lingüística, es decir, aquella que no sea portadora de significación social y estilística, y variable sociolingüística, o sea, aquella que co-varíe con factores sociales o estilísticos. El concepto de variable sería aplicado a todos los análisis lingüístico, aunque todavía son escasos los trabajos cuantitativos sobre variables sintácticas. (p.126)

fonética, gramática e léxico, considerando duas peculiaridades da região: o uso frequente do pronome sujeito em relação a outras variedades do idioma e a tendência a antepor o sujeito ao verbo¹².

Outro pensamento defendido era que o foco irradiador de um estándar caribenho já poderia estar ou ter estado, desde o século XX, em Cuba, em especial, na zona ocidental, caracterizada como mais conservadora (Domínguez Hernández apud Gutierrez Maté 2013). Tal característica é vista por López Morales (1992) como efeito das línguas em contato, fenômenos de erosão (traço conservador) ou desenvolvimento, convertendo-se em dialeto de uma língua minoritária. Foi o que aconteceu com os porto-riquenhos vivendo nos Estados Unidos e falando espanhol, sua língua nativa. A Língua pode permanecer condicionada a comunidades mais favorecidas, mantendo-a viva através de meios de comunicação ou advir de restos de poucos empréstimos léxicos procedentes da língua dominante ou morrendo. O autor explicita que há diversos fatores extralinguísticos e diz que

Depende de un conjunto de factores demosociales culturales caracterizadores de individuos y colectividades. En el caso de países o grandes comunidades realmente hispanohablantes nos encontramos con el manejo de la lengua española según una de sus variedades dialectales, la caribeña. Una lengua - la española - y un dialecto – el español del Caribe – se diferencian en varios sentidos. (p.29)

E, por fim, o que é o espanhol caribenho? Essa é a grande questão que ficou em aberto nesse trabalho porque diversos autores tomaram as investigações das variedades dentro do Caribe como um conceito compactado ou direcionando apenas um viés metodológico. Henríquez Ureña (1921), Zamora Y Guitart (1982), Moreno de Alba (2007) etc consideraram como zona dialetal.

Lipski (1994) também define o espanhol caribenho como um dialeto contínuo. Neste caso, as suas fronteiras internas e fronteiras nacionais foram afetadas. Em concordância, Penny (2004) diz que a diferença surge a partir da

¹² Veja- se Alargamento vocálico (República Dominicana); uso expresso de pronome pessoal sujeito: *¿Tú te quedas o tú te vas?*; uso de *ustedes* com valor de segunda pessoa do plural; posposição de posesivos: *el hijo mío, la casa de nosotros*; diminutivo afetivo em advérbios, gerúndios, etc: *ahorita, corriendito*; Diminutivo com -ic-: *gatico, ahoritica* (Cuba); tuteo; uso de pronome diante do verbo em interrogativas: *¿Qué tú quieres?*. (CRUZ, 2018, p.34)

valorização social aos códigos e falas particulares que são concedidas pelos próprios falantes. Gaztambide (2003) apresenta quatro características diferentes para se referir ao termo “del Caribe”. A primeira é Caribe insular (razões etno-históricas que incluem as Antilhas maiores que falam espanhol: Porto Rico, Cuba e República Dominicana, no século XIX, se unificaram com o propósito de se tornarem independentes da Espanha, além do crescimento econômico da plantação de açúcar escravista); a segunda, Caribe insular e Centro-América (devido às relações exteriores com os Estados Unidos e suas influências econômicas); a terceira “Cuenca del Caribe” ou Gran Caribe (tratou de incluir a Venezuela, partes da Colômbia e México a este bloco); a quarta, “Central”, por diferenciar da América do Norte e Sul). Assim, podemos perceber que o conceito é polissêmico, tendo em vista que diversos autores tratam por perspectivas diferentes.

Diante de todas essas questões, façamos uma pergunta: em qual momento o espanhol caribenho teve uma valorização social? Será que não houve um processo de políticas linguísticas desde a época colonial? A intervenção humana na língua ou nas situações linguísticas não foram novidades. Calvet (2007) afirma que

sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua. De algum modo o poder político sempre privilegiou essa ou aquela língua, escolhendo governar o Estado numa língua ou impor à maioria a língua de uma minoria” (p.11)

Tudo isso nos leva a pensar se o espanhol caribenho foi camuflado pela “ideologia de uma monolíngua” existente desde tempos coloniais por ter sido considerado, durante muito tempo, nos estudos linguísticos, como uma língua homogênea.

A exemplo do que foi exposto, Fanjul (2004) toma as variedades por critérios de classificação, objetivos e subjetivos, mas tomando como análise o fator geográfico. E ressalta que a standardização é o ponto em comum da interação entre as línguas. Ele afirma que

Segundo esses critérios objetivos, poderíamos falar de um “espanhol de X” (sendo a Espanha, o Peru, a América, Estremadura, o planalto mexicano, ou a região que for) diferente

de um “espanhol de Y” (sendo Y qualquer outra região de fala hispânica) se encontrássemos determinados traços fonéticos, morfossintáticos, lexicais, etc, que se apresentem uniformemente em X e não se apresentem em Y, pelo menos nas áreas “comparáveis” de X e Y (por exemplo, os falantes urbanos cultos de X e os falantes urbanos cultos de Y). Mas, há também os critérios subjetivos, no nosso entender, tão importantes quanto os anteriores. Trata-se das atitudes dos grupos sociais diante das línguas, próprias e alheias. Essas atitudes têm sido objeto de crescente atenção e estudo por parte dos sociolinguistas e hoje praticamente ninguém questiona sua relevância para entender a vida de uma língua, dialeto ou variedade. (p.168)

Gutiérrez Maté (2013) afirma que o espanhol caribenho foi apenas um estándar regional enquanto fenômeno lingüístico e esse fato tornou-se claro no espanhol dominicano, nos anos 80, por apresentar uma variedade desta zona como privilégio social dos fenômenos. A extensão variacional de cada um dos traços do espanhol caribenho definiria o meio de se chegar a um estándar que poderia estar parcialmente formado e, conseqüentemente, definir melhor a extensão variacional de cada região, do mesmo modo que os caribistas fizeram em outras zonas da América. Vale lembrar que foi através da perspectiva dos caribistas que surgiram estudos sobre outros níveis de análise que não apenas o léxico e a fonologia. A sintaxe aparece com uma abordagem da gramática do espanhol no que se refere à unidade e à diversidade do idioma. Nos meados de 1950, a gramática gerativa ganhou força sistemática enquanto ramo da ciência linguística e abrange ainda o estudo da história e a variação do espanhol. Nesta perspectiva, ela pode oferecer novos elementos que esclarecem desde uma visão micro paramétrica para entender a macro e com ela perceber fenômenos aparentemente semelhantes advindos de uma única gramática ou por gramáticas diferentes. Dessa forma, podemos observar duas características mais frequentemente associadas ao E.C.: a) uso mais recorrente do pronome sujeito; b) anteposição do sujeito ao verbo ao redor do qual orbita. Discorreremos, assim, muitas discussões sobre esse tema. (PINTO, 2009).

2.3 O Espanhol do Caribe

O Caribe é considerado uma zona dialetal. Abrange do norte da América do sul até as Antilhas, Cuba, em particular, que se aproxima até a Península de

Yucatán, vizinho também da costa Venezuelana e parte oeste é formada pelas Repúblicas da América Central e Belize. Fala-se o espanhol nas ilhas maiores, menos no Haiti. Segundo Morales (1992), diferentemente das outras regiões, o espanhol que se formou nessa zona não teve nenhuma formação de língua crioula¹³, apesar do grande contingente de escravos que chegaram séculos atrás¹⁴. Além do mais, muitos pesquisadores afirmam que “espanhol caribenho ou antilhano” é uma entidade dialetal única, por possuir propriedades em abordar, desse modo, as grandes Antilhas espanholas. Por essa perspectiva, coincidem as tentativas de demarcações de zonas dialetais realizadas nas três ilhas (Porto Rico, Cuba e República Dominicana) de forma homogênea. Em consonância a esse fato, os dialetólogos consideravam a região por ter sido uma zona diferente e oportuna para investigação.

O espanhol do Caribe ainda é um conceito impreciso. Autores como Gutiérrez Maté (2013) afirmam que não se deve partir de uma análise apenas, ou seja, pela delimitação geográfica. Os conceitos que legitimam “español andino”, “español centroamericano”, “español del cono sur” etc. foram designados por linguistas, chamados de americanistas, que se preocupavam em dividir zonas dialetais a partir de traços semelhantes estruturais e externos à língua porque defendiam a homogeneidade dessa. Dos americanistas ou caribistas, temos: Henríquez Ureña (1921), que usou um critério metodológico do substrato lingüístico pré-hispânico, o tipo arahuaco, como ponto de origem no Caribe. De suas experiências pessoais, estabeleceu cinco zonas dialetais, sendo que a

¹³ koinés, pidgins and creoles have not always been clearly distinguished, in part because each process was not adequately defined, but also because similarities do exist between them with a certain degree of overlap (Siegel 195, 1997, 2001). Koinés, pidgins and creoles are new varieties of language used by new speech communities, and they result from the mixing of speakers of different pre-existing language varieties, and the need of such speakers to negotiate and acquire new structures and lexicon. The results in each case also show the results of mixing and leveling, but there are important differences. TUTEN(2003, p. 74-75)

Un criollo es un pidgin que ha evolucionado lo suficiente en su estructura lingüística como para dejar de ser una segunda lengua y convertirse en lengua materna de una comunidad. Una vez llegado a este punto, el criollo irá desarrollándose según las necesidades comunicativas de la comunidad que lo emplea. Esto no quiere decir, no obstante, que todos los pidgins lleguen a ser criollos, ni que todos los criollos se conviertan en lenguas maternas, como ocurre con el Tok Pisin y el inglés de Nigeria. (MEDINA LÓPEZ, 1997, p. 26)

¹⁴ Observe-se também que o grande argumento para a assertiva de que não houve crioulação nas variedades hispano-caribenhas é a ausência de registro ou evidências na atualidade. Vale retomar a discussão de Pagotto (2018) sobre ebulição e sedimentarização lingüística, no sentido de que nem tudo o que ebuliu e existiu em determinado momento sedimentarizou chegando aos dias atuais.

segunda passou a ser Caribe ou as Antilhas (a costa e o planalto da Venezuela e, provavelmente, o norte da Colômbia). Morales (1994) e Fontanella de Weinberg (1993) não acreditam que ocorreu o contato indigenista, o arahuaco em toda essa zona. Essa teoria caiu por terra devido à baixa frequência de indigenismos vivos nos dialetos hispano-americanos.

Rona (1964) realizou um estudo bem relevante. Estudou quatro fenômenos sistemáticos, com completa omissão de isoglossas lexicais, e contrastou dados do levantamento com base bibliográfica. Ele identificou dezesseis zonas castelhanas e sete zonas não puramente castelhanas, que são zonas onde competem o inglês, dialetos crioulos e dialetos misturados com o português. Em suas investigações, ficaram registradas um total de vinte e seis zonas dialetais para o espanhol americano. Assim, o panorama de investigações nessa época se norteava pelas diferenças dialetais apenas pela perspectiva fonológica. Os que seguiam essa corrente mostravam diversos fenômenos que emergiam na zona caribenha, inclusive a hipótese de uma zona dialetal na própria região, a qual foi o centro de eclosão dessas ideias. Todas essas características tiveram como princípio norteador a ideia de uma isoglossa que respondesse aos fenômenos que prevaleciam no Caribe. (LÓPEZ MORALES, 1992)

Nos anos de 1960 e 1970, o Caribe passa a ser visto como uma área dialetal própria. Destacam-se Granda (1978) com investigações afro-hispânicas no Caribe e López Morales (1992) com estudos da Dialectologia do Caribe Hispânico. Não podemos esquecer que o componente negro trouxe diversas contribuições para o entendimento da gênese caribenha. Segundo Ortiz López (1998), o Caribe possui características próprias devido a configurações fonológicas, morfossintáticas e léxico-semânticas que o diferencia das outras regiões hispânicas. Lipski (2005) também definiu o espanhol caribenho como um dialeto que abrange as três variedades (diatópica, diastrática e diafásica) e que seus próprios falantes têm a consciência de seus traços linguísticos e suas diferenças.

Mais tarde, o Caribe também foi caracterizado em termos intralinguísticos. Manuel Alvar (1990) passou a estudar o Caribe insular. Maria Vaquero (1996) formalizou os dados de entrevistas de cada região e alguns fenômenos passaram a ser estudados de forma separada. A contribuição foi a partir de Henríquez Ureña que apresentou características marcantes à linguística variacional ao mapear a divisão dialetal no nível fonético implicando a perda de /s/, posteriorização de /n/ e

neutralização das líquidas // e /r/. No nível morfossintático, cita fenômenos como a presença dos pronomes antes de infinitivos (al yo salir), assim como antepostos ao verbo nas orações interrogativas (¿Cómo tú estás?) e, por fim, no âmbito lexical, encontrou traços de arcaísmos, indigenismos, anglicismos e afronegrismos. Assim, tais estudos evidenciaram traços e influências em diversos aspectos linguísticos, porém Gutiérrez Maté (2013) defende que não se pode ver o caribe apenas como fenômenos linguísticos nessa perspectiva. Para o autor, dificilmente o espanhol caribenho foi considerado um estándar regional e nem foi concebido como um fenômeno “panamericano”.

2.4 Constituição Histórica do Espanhol

Em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo chega ao arquipélago antilhano. Inicialmente o diário de Colombo apresentava as descrições de um lugar e povos exóticos. As primeiras marcas lexicais foram registradas como se fossem nomes próprios de lugar, como Cuba e Caribe, dados como “gentílico antillano”, erroneamente registrado no texto castelhano, além de outras terminologias indígenas. (López Morales, 2005). Embora o Diário do Almirante tenha sido considerado um registro portuário, privado, Antonio de Nebrija publica em seu dicionário, em meados de 1490, em Salamanca, Espanha, a única palavra de origem indígena, “canoa”. Mais tarde, ocorrem os assentamentos demográficos: La Española (atual República Dominicana e Haiti); Porto Rico, Jamaica e Cuba (la Fernandina o Juana, bautizada unas veces en honor del Rey y otras en el del príncipe Don Juan) (p.18). Para o autor, qualquer tentativa de quantificar a demografia nativa era para simular o aparente genocídio pelos conquistadores. A população espanhola era bem pouco numerosa.

Anos depois, devido à necessidade da mão de obra, tem-se o início da entrada dos escravos a partir da costa africana ao Caribe (Ortiz López 1998; Lipski 2005). Os fatores que configuravam a realidade histórico-linguística da época contribuíram para a gênese e para o desenvolvimento do que se conhece (dentro da dialetologia hispânica atual) como espanhol do Caribe Antilhano (ECA).

Ainda no período da colonização, havia uma preocupação da corte espanhola em castelhanizar a população indígena, devido ao problema da mestiçagem que aumentava. Nesse período, a Conquista da América e a

colonização foram realizadas apenas por homens, ocasionando um alto crescimento populacional de mestiços nas Antilhas. Assim, López Morales (1992, p. 32) descreve que

En los primeros viajes de Colón no embarcó ninguna mujer; en el tercero vinieron dos egipcíacas expulsas. Después algunas con sus maridos, pero en 1511 estas no pasaban de treinta. Eran épocas en las que estaba prohibida la entrada de solteras e igualmente de casadas si no eran en compañía de sus maridos. En 1512, una Real Cédula permite que pasen a Cuba unas pocas esclavas blancas moriscas, destinadas al servicio de menguar amancebamientos de españoles con índias.

O autor ainda elenca diversos problemas que impulsionaram a metrópole em patrocinar o processo de aculturação. Dentre eles, destacam-se a luta desigual entre indígenas e conquistadores; imposição de uma nova ordem de coisas desfavoráveis aos vencidos, língua e cultura nativa postergada, empobrecimento demográfico nativo, imposição do regime sociocultural espanhol e intensa mestiçagem. Por consequência, esses fatores provocariam alta mortalidade das línguas indígenas, imposição do espanhol e estado intermediário de bilinguismo. Essa etapa também foi a primeira possibilidade de acreditar que o arahuaco fosse a língua fonte de empréstimos lexicais de origem americana. Mais tarde, com o uso do papel, o estudo de indigenismos no espanhol foi se ampliando e tudo passou a ser documentado para a Coroa espanhola, no intuito de registrar o que ocorria em sua colônia e controlar as posses americanas.

Alguns autores, como Lüdtken (1994), apresentam uma perspectiva histórica de como o espanhol se desenvolveu na América a partir da influência do espanhol de Canárias que foi posterior ao descobrimento da América. O autor tenta traçar um estudo da gênese do espanhol americano a partir das conexões marítimas entre as regiões de Canárias, Andaluzia Oriental e as Antilhas, pois, para ele, seria possível existir semelhanças entre as falas dessas regiões. Essa hipótese foi gerada quando fizeram um paralelismo e encontraram semelhanças linguísticas, vindo assim a crer que a base da unidade era proveniente das crônicas das primeiras décadas da colônia. Para o autor, havia um paralelismo que explicava a origem dos fenômenos linguísticos. Granda (1978a) discute se existiram realmente critérios válidos que foram delimitados neste período de origem do espanhol na América e acrescenta:

Faltan hasta hoy, sin embargo, visiones de conjunto que intenten presentar, aunque sea de modo voluntariamente esquemático, la totalidad de los procesos y tendencias evolutivas que han dado lugar, históricamente, a la constitución del español americano de Nuevo México a la Patagonia argentina, es decir, en su complejidad diatópica completa⁷. Una situación tal, que priva del adecuado contexto totalizador y, por ello, de sentido histórico inteligible a los datos, dispersos, adquiridos en investigaciones puntuales o de áreas individuales ha producido, como es lógico, nutridas tomas de posición entre los especialistas⁸ en las que se reclama, cada vez más apremiantemente, la puesta en marcha de los mecanismos necesarios para otros, más justificados, que se asientan tanto en los condicionamientos específicos de la propia lingüística hispanoamericana como en los, más generales, derivados del planteamiento correcto de la diacronía de la lengua histórica española como entidad global e, incluso, de la relevancia que los datos conexos con la formación y desarrollo del castellano en América pueden revestir en relación con la reformulación o, al menos, matización de los marcos teóricos actuales referidos a temáticas tales como el cambio y el contacto lingüístico, la producción de modalidades coloniales de lengua, etc. (p.14)

Entre 1950 e 1960, surgiram novas perspectivas sobre a tese andaluza. Rafael Lapesa e Menéndez Pidal mostraram aspectos não só demográficos do contingente colonizador, mas, sobretudo, critérios linguísticos. Boyd-Bowman (1966) focalizou as investigações na demografia do período inicial (1493-1508) em que contabilizou 60% de andaluzes vindos de Sevilha e Huelva constituindo um terço da população antilhana. Podemos, nesse aspecto, ressaltar que nesse período a maior configuração de fala era de elemento peninsular e mais sobre os outros provenientes de outras procedências de dialetos. Fontanella de Weinberg (1993) acredita que nesse processo inicial pode ter havido uma relativa homogeneidade. Os estudos sobre o seseo andaluz de Diego Catalán (1993); Frago (1989) afirmava que era semelhante ao seseo americano, outros elementos fonéticos marcados no século XV ou antes. Assim, a tese poligenética do seseo americano não foi sustentada. Outras publicações do mesmo autor foram também bastante decisivas e se basearam nas análises linguísticas entre a comunicação portuária do Atlântico com a Espanha e América; em seguida, Andaluzia, Canárias e Antilhas.

López Morales (2005) também aponta que, no princípio, chegavam espanhóis de todos os lugares da Espanha, mas era de Canárias, especificamente, a maior rota para América. Em suas pesquisas, a demografia

entre 1493 e 1502 demonstrava que o número de habitantes era constituído de andaluzes, registrados até 1539. A pronúncia dos andaluzes ocidentais, estremelhos do sul e dos canários se acentuava mais que a dos do centro e do norte peninsular. Além de haver mais andaluzes que estremelhos existentes no século XVI e, no século XVII, o predomínio de gente do sul e de Canárias. O autor concluiu que os falares de Sevilha, o meridional e o canário foram decisivos na hora de estabelecer as primeiras normas linguísticas no solo americano. Constatou, dessa forma, algumas análises de cartas privadas de vários andaluzes radicados em Veracruz que escreveram para seus familiares da Espanha no século XVI (manuscritos de Cuba, “La Española”, Colombia, Venezuela e Peru que evidenciam os mesmos fenômenos lingüísticos). De suas investigações temos:

aspiraban y hacían desaparecer sus eses finales de sílaba y de palabra (habere[s], como[s], e[s]cuchan, conqui[s]tar); confundían las eres con las eles, y viceversa (arma, ‘alma’; sordado, ‘soldado; viral, ‘virar’; culva, ‘curva’); eliminaban sus des al final de las palabras (oi, ‘oíd’; bondá, ‘bondad’) y en medio de ellas cuando se encontraban entre vocales (sordao, apresao); pronunciaban las jotas con una aspiración muy suave; seseaban y pronunciaban con /y/ las ‘ll’(yueve, Seviya, cabayo). (p.58)¹⁵

É importante ressaltar que, desde o período de 1650, já não havia uma conformação multidialetal. Porque configurava-se uma nova variedade de espanhol e o andaluz que já era um dialeto simplificador, pois sofria mudanças desde os séculos XV e XVI. Sua conformação já tinha passado por processos de diferentes variedades regionais e o contato lingüístico do árabe. Fontanella de Weinberg (1993) questiona se uma koiné foi o resultado do contato entre os dialetos, já que o andaluz predominava com maior força social dentre as variedades nas Antilhas. Por fim, o espanhol antilhano/caribenho seria fruto de diversos fluxos de koineização. A autora explica que a *koiné* se deu como um *continuum* não linear. Assim diz:

Debe destacarse que el *continuum* que se produce en el desarrollo de una *koiné* no es necesariamente lineal. En cada estado, por ejemplo, puede tener lugar una “rekoinización” si hay un contacto

¹⁵ Observação relevante comentada pelo Professor Dr. Mailson Lopes: “menino macho/ menina fêmea” (fala de taperoenses nascidos no início do século XX).

continuado con las variedades originales estrechamente relacionadas o un contacto adicional con otras diferentes. (p.46)

Deste modo, a autora sinaliza que não apenas a koineização americana resultou de características do andaluz, mas também de outros fatores como o peso demográfico e social da origem dos falantes.

Amado Alonso acredita que o fato de ter um grande número de colonizadores na América espanhola no período inicial da colonização favoreceu o nascimento de uma *koiné* hispanoamericana. A sua maior preocupação eram as características das falas no século XVI. Ele acrescenta:

¿cuáles eran en el siglo XVI las características de estas hablas? Porque, si es claro e indudable que hoy en día constituyen todas ellas dialectos secundarios del castellano muy diferenciados del dialecto primario castellano-viejo, bien pudo haber ocurrido que los rasgos divergentes que hoy las individualizan no existieran aún en el siglo xvi lo que, evidentemente, echaría por tierra todo intento de referir a las mismas la dirección del mecanismo de nivelación que aquí consideramos. (*apud* Granda, 1994,p.31)

Como podemos observar, diversas discussões surgiram a respeito de uma *koiné*. Luengo (2007) acrescenta que essa pode ter funcionado como língua franca regional. Foi o resultado do contato das diversas falas que os colonos trouxeram de sua região e, para facilitar o entendimento, tornou-se uma variedade autóctone (p.21). As línguas francas tinham a função de relação intergrupar para as falas de mesma origem, no entanto, a maior variedade em uso ganhou força, vindo a nativização. (FONTANELLA DE WEINBERG, 2003, p.47). Nesse momento, a língua adquiriu o caráter de variedade estándar. A nativização é a existência de falantes nativos. Teve-se assim, a primeira geração de crioulos (LUENGO, 2007, p.23). Nasce daí o termo espanhol antilhano, devido às novas condições geográficas, sociais e o primeiro dialeto autônomo ou crioulo¹⁶.

Em consonância a essas investigações, López Morales (2005) explica que o processo de nativização não foi rápido, devido à diversidade de grupos linguísticos se encontrarem compactados. Assim, do mais frequente que se ouvia dos fenômenos linguísticos, começaram a produzir uma nivelção a seu favor, ou

¹⁶ Outro ponto importante de ressaltar é que cada termo tem uma definição diferente. Por exemplo, crioulo, na linguística, remete ao fato de a língua ter sido criada em um ambiente multilinguístico, contudo, com uma língua politicamente dominante e várias outras sem prestígio. É um termo também dúbio quando se refere ao espanhol antilhano.

seja, estandardização. O autor destaca ainda que alguns investigadores defendiam a ideia de que, para encontrar o fenômeno linguístico generalizado da pronúncia andaluza, era preciso estar evidenciada na fala dos filhos dos conquistadores, sem se importar com os dialetos originais de seus pais. Por outro lado, havia os que não acreditavam na sua consolidação desses fenômenos antes de um período aproximado de sessenta anos. Esse caso não se referia somente ao seseo, a nivelação da língua não ocorreria antes da terceira geração.

Por fim, desse ponto, desenvolvem-se várias discussões: a aquisição da linguagem, o bilinguismo, a estandardização e políticas lingüísticas etc. Sobre interesses políticos, havia uma forte inclinação que favorecia a consolidação da nivelação linguística: primeiro, pelo prestígio que tinha Sevilha, devido à conquista americana, à incorporação do reino de Granada e, conseqüentemente, a variedade linguística em seu potencial. A segunda razão seria a preocupação com o favorecimento de variedades simplificadoras, como ocorreu em Canárias que eliminou a distinção entre *vosotros* e *ustedes*, assim como outras reduções por parte dos conquistadores americanos terem sido jovens e de pouca escolaridade. Podemos dizer ainda que o dialeto das Antilhas começou a chocar a língua de prestígio da corte espanhola, uma maneira também de apagar o brilho dos méritos de Sevilha e, assim, implantar a política linguística do reino da Espanha com focos representativos e suas formas linguísticas respectivas, encabeçadas por Toledo e depois Madri (da mesma forma ocorreu nos primeiros centros vice-reinais do México e Peru, nos quais desprezavam as novas criações linguísticas de origem andaluza e favoreciam os precedentes de Madri, predominando o *tuteo* e desprezando a forma “vos”). Concluindo, podemos notar que, desde a formação do espanhol caribenho, encontramos muitas investigações que já denotam os primeiros sinais do preconceito linguístico¹⁷.

¹⁷ Veja-se em Granda (1994, p.46) “simultáneamente a la actuación de los mecanismos de simplificación y nivelación (determinadores en su conjunto del proceso de koineización) en toda la América hispánica durante el siglo XVI, en determinadas zonas de la misma, identificables como sus áreas centrales¹⁰⁵, debió de comenzar a actuar, a partir de la segunda mitad del mismo siglo XVI¹⁰⁶, otro proceso lingüístico diacrónico (diferente al de koineización por sus características tipológicas y, en cierta medida al menos, opuesto direccionalmente al mismo) que podemos denominar como proceso estandarizador monocéntrico y cuya acción se prolongará hasta la consumación de la Independencia de los países hispánicos de América determinando, durante todo este período, el perfil básico que finalmente revestirá, en él, la fisonomía del español común en cada una de las comarcas de la desmesurada extensión geográfica que constituye la América hispanohablante”.

2.5 Situação Sociolinguística Atual

A Sociolinguística Variacionista surgiu em 1960 com William Labov. A língua e a sociedade são vistas, nesta perspectiva, como uma relação simbiótica. A língua é um fenômeno social real em si mesma com regularidades e expressa a sua própria realidade. Essa corrente teórica era oposta ao Estruturalismo e ao Gerativismo. Seu objeto é o estudo da variação linguística e está relacionado ao contexto de uso da língua, ao contexto sócio-histórico e cultural do indivíduo (cf. LABOV, 1972, 1974; 1982; 1994; e WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Assim, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística. O termo “comunidade de fala”, para esse modelo teórico-metodológico, não é entendido como um grupo de pessoas que falam exatamente iguais, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (cf. LABOV, 1972; GUY, 2000).

Com base nesse fundamento, Weinreich (2006) encabeçou estudos sobre o bilinguismo individual, abordando termos e conceitos no que se refere a “contato, interferência e interação” de dados concretos entre as línguas (inglês, espanhol, italiano e yidiche dos judeus) que, pela análise do passado cultural e do seu efeito nas comunidades multiculturais (em um mesmo território e fatores externos) explicassem as diferentes formas de falar. Segundo o autor, as línguas em contato são o resultado de fatores externos (como, por exemplo: expedições marítimas para colonização, tráfico negreiro, línguas que convivem no mesmo território, migrações, guerras etc. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968])).

Desses estudos, o espanhol do Caribe obteve diversas investigações sobre a cultura africana nas Antilhas. Dentre os autores, destaca-se López Morales (2005) o qual chama a atenção sobre as influências negras na atualidade do espanhol falado nessa área. Foram encontrados em maior quantidade formas lexicais, porém tem-se assinalado poucas de caráter morfossintático. Ele afirma que “la reiteración de género, visible en expresiones como hija hembra, nieto varón, etc es herencia de las lenguas africanas, y que también lo son las duplicaciones de ciertos adverbios, del tipo ‘ya te lo dije ya’ sin pausa entre la oración y el adverbio duplicado, y algún desvío de la norma preposicional

española, como en ‘voy en casa de María’ ”. (p.108). O autor não admite que houve a sobrevivência consistente de afronegrismos e, dos dados coletados, nas grandes Antilhas, ele afirma que somente em Havana, em Porto Rico e República Dominicana, encontraram poucos léxicos na religião, flora, fauna, etc). Coletou amostras de 256 sujeitos procedentes de todo o país, integrados por sub amostras de falantes negros, separados em uso ativo na língua e em léxico morto. Lipski (2001; 1996) contrapõe essa ideia. Para o autor, negar o reconhecimento da contribuição africana por parte das nações do Caribe hispanofalante e reduzir a cultura caribenha à influência da música popular e a cerimônias religiosas africanas é não conhecer a sua origem enquanto maior domínio demográfico que se teve em todo o Caribe. O autor ainda postula que

En cuanto al posible impacto del lenguaje afro hispánicos sobre el español caribeño, las opiniones giran alrededor de dos polos opuestos. La primera postura, fruto de la inseguridad afro fóbica o de la simple ignorancia, afirma que no existe ninguna huella africana en el español caribeño, a excepción de un puñado de palabras universalmente reconocidas. La opinión contraria, sostenida en su gran mayoría por observadores extra caribeños que desconocen la verdadera diversidad dialectal del español americano, postula que todos los rasgos típicamente caribeños reflejan un trasfondo afro hispánico, aunque aparezcan también en otras partes del mundo. (LIPSKI, 2001, p. 215).

Ortiz López (1998) apresenta dados populacionais do contingente africano em Cuba, entre 1775 e 1899, bastante significativo em relação à população geral da ilha. Em concordância, Lipski (2005) mostra que, entre 1820 a 1860, havia uma quantidade de negros boçais¹⁸ bem numerosa. Uma grande maioria da população negra já estava no século XIX em Cuba. Ortiz López diz o seguinte:

La importación esclavista a la isla de Cuba puede dividirse [...] en dos grandes periodos: el primero, correspondería a la etapa inicial de la conquista que tuvo como base la explotación y exterminación de los indígenas y la primera ola de africanos, seguida de una segunda etapa de lento desarrollo que comienza a finales del siglo XVI [...]. El segundo periodo comenzaría en el siglo XVIII y comprendería una etapa inicial de desarrollo impetuoso de la economía y la explotación esclavista que alcanza su momento culminante hacia 1840, con la presencia de 436 mil esclavos,

¹⁸ López Morales (1998) diferencia espanhol boçal de espanhol crioulo. O primeiro se refere ao espanhol falado pelos escravos advindos da África, enquanto o segundo é falado pelos filhos desses escravos, nascidos na América (p.84) .

quienes representan más de 59 por ciento de la población de la isla [...].(1998, p.63)¹⁹

Outros autores, como De la Riva (1961), afirmam que, desde 1503 em Cuba, tem-se a presença de escravos negros:

Estos esclavos tuvieron que pasar al principio por un país católico (Portugal, España) antes de llegar a Cuba, para que hubiese garantías de que recibirían la formación católica requerida por la Corona española. En 1511 comenzó el comercio directo de esclavos entre Guinea y la Hispaniola. En 152 llegaron los primeros esclavos negros a Cuba procedentes de las islas portuguesas de Cabo Verde.

Contrariamente, Parkvall (2000) buscou delimitar a origem das línguas africanas por territórios e, assim, derrubar a corrente crioulista. Por esse critério, negou a influência de substrato das línguas africanas nas línguas crioulas, o seu surgimento na costa africana ou em variedades lingüísticas utilizadas por falantes afro americanos. Assim, podemos observar quando diz:

Existían disposiciones exactas de la Corona española que regulaban el empleo de los idiomas de los indios, pero no de los esclavos negros por su condición de mercancía. De esta manera, el reconocimiento del legado indígena era una parte integral en el desarrollo de una identidad criolla, como deslinde de la madre patria en la formación de muchos estados latinoamericanos.

¹⁹ Perl (2001) no II Congresso de Valladolid comenta: “la población afro-americana en los países hispanohablantes en América y en el Brasil alcanza unos 107,8 millones, de los cuales 69 millones viven en el Brasil y alrededor de 38,80 millones en Colombia, Venezuela, Cuba, Ecuador, República Dominicana, Panamá, Perú y Puerto Rico. Los habitantes afroamericanos de los países centroamericanos, en la mayoría de los casos, no son hablantes nativos del español. De los 271 antropólogos colombianos graduados entre 1936 y 1978 (según una información personal de Nina S. de Friedemann) solo cinco dedicaron su trabajo de investigación a los problemas de la población negra. Las variedades lingüísticas de los afroamericanos, al igual que las variedades no estándares de otros grupos poblacionales, no fueron, por muchos años, objeto del interés de los hispanistas hispanoamericanos. En Cuba, sólo el grupo de hispanistas de la Universidad de Las Villas en Santa Clara (entre ellos José García González y Gema Valdés Acosta, ambos ex-alumnos de Ruth Goodgall de Pruna), ha basado sus artículos sobre los resultados de su trabajo de campo. En Santiago de Cuba, sólo en los últimos siete años Jesús Figueroa Arencibia se fue a los barrios pobres de Santiago y de Guantánamo para hacer grabaciones (Figueroa 1999). Otro trabajo excepcional, en este país, es el libro de Luis Ortiz (alumno de John Lipski): Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas, fundamentado en grabaciones realizadas en el este de Cuba. Casi ninguna de las demás publicaciones aparecidas en Cuba se basan en material lingüístico auténtico, sino en textos literarios, religiosos o etnológicos o en la interpretación de comentarios metalingüísticos.”Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/4_el_espanol_en_contacto/perl_m.htm
Acessado em: 03/2019

Incluso un país como Cuba, en el que la población india se aniquiló en poco tiempo y en el que se trajeron mucho más tarde de nuevo indios como mano de obra de otras partes del Caribe, de México y de la Florida, el pasado indio era el pilar de una nueva identidad, como sucede con el siboneyismo).

Em investigações mais recentes, Medina López (1997) apresenta uma visão geral daquilo que mais se tem estudado e que constitui uma parte específica da sociolinguística. Para ele, línguas em contato é assunto complexo e, muitas vezes, não muito claro, pois provoca tensões políticas e ideológicas. Outros aspectos também são investigados: línguas pidgins, línguas crioulas, bilinguismo, multilinguismo, variedades fronteiriças, koiné e diglossia. O autor ainda considera que um crioulo é um pidgin que evoluiu o suficiente em sua estrutura linguística, deixando de ser uma segunda língua e convertendo-se em língua materna. Esse fato ocorre quando a própria comunidade emprega as suas necessidades comunicativas. Embora não seja regra pidgins derivarem um crioulo e nem vice-versa (semelhante fato ocorreu no inglês da Nigéria), a crioulição se formou como fase intermediária, digamos assim, entre os estados de pidgin e crioulo. Sobre o tema, Lipski acrescenta que

Una lengua criolla surge típicamente cuando un pidgin llega a ser lengua nativa, por ejemplo cuando es adquirido por niños cuyos padres no tienen una lengua en común que no sea un pidgin reducido. Los niños--así como los adultos que conocen profundamente el pidgin transforman este lenguaje reducido en un idioma completo, expandiendo las bases sintácticas, inventando nuevas combinaciones léxicas, y convirtiendo una colección de elementos sueltos y caóticos en un sistema coherente y eficiente. Si los idiomas nativos que forman el substrato del pidgin son gramaticalmente parecidos, el criollo resultante puede ser una verdadera lengua híbrida, combinando la base léxica del idioma "lexificador," y las estructuras sintácticas de las lenguas del substrato.(2003;p.4)

Pode-se concluir que não foram apenas os aspectos culturais e raciais que influenciaram o espanhol caribenho, na verdade, foram mais amplos, como a colonização, tráfico de escravos, função das colônias etc. Contrariamente é apontado por López Morales (1995) que a mestiçagem cultural não produziria

pidgin, nem crioulo e que a língua que seria majoritária era o espanhol da Espanha. (López Morales, 1995; p.27)²⁰

Já Fontanella de Weinberg (1993) considera que as línguas tiveram uma importância ímpar na formação do espanhol caribenho, principalmente o bilinguismo no período do comércio de escravos entre os séculos XVI a XVIII, devido ao número elevado da população negra. Deste fato, vários autores se debruçaram, a partir de 1960, nas investigações sobre contato lingüístico em geral e aos processos de “criollización e pidginización” (p. 242). De um lado, estudos que defendiam a existência de um crioulo em Cuba e, por outro, acreditavam na descrioulização.

Nesse contexto, Thorvaldar (2015) explica que, na época colonial, a primeira geração a chegar falava um espanhol *pidgin* de maneira similar a outros grupos de imigrantes recentes na região, convivendo nessa variedade características africanas unidas aos resultados de uma aprendizagem imperfeita do espanhol. Também Granda (1977) considerou consequência do influxo das línguas africanas da costa da Guiné casos de fenômeno fonético dialetal no ocidente da Colômbia. Ainda, em Lipski (2001), evidenciou-se o uso de línguas africanas compartilhadas em grupos de mesma etnia com a mesma língua, religião e práticas culturais; entre os afro-cubanos idosos, mostrou a sobrevivência de traços de iorubá e de quicongo, apresentando uma fala mais “africanizada”, que duraria até a segunda geração. Outras investigações, como a de Patiño Roselli (1989), apresentaram uma situação de diglossia em San Basilio, que explica:

Coexisten la lengua de prestigio, el español, y la lengua de cotidianidad, el criollo. Los dos son sentidos claramente como códigos diferentes; los hablantes son conscientes de cuándo se sirven de uno u outro canal. En líneas generales, se da entre las dos modalidades la repartición que es funcional que es de esperar... Pero es evidente la tendencia a servirse cada vez más (aún en situaciones informales) del código de prestigio, el cual está arrinconando al habla ancestral⁸.

²⁰ Segundo o Professor Dr. Eduardo Ferreira dos Santos, esses não são os únicos fatores. Atentar-se para a natureza da colonização, os fluxos de escravização também foram fatores relevantes nas interferências. Ele defende que houve a formação de línguas crioulas, como exemplo, temos a base ibero-românica denominada de *papiamentu* que é falado na região caribenha (Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, Santo Eustáquio e São Martinho) e na Holanda. Veja-se em Lipski (2008).

Assim, caracterizou os principais traços fonológicos e morfossintáticos mostrando semelhanças com o espanhol do Caribe. No entanto, Gutiérrez Maté (2013) insiste na influência africana na língua espanhola caribenha quando cita os estudos comparativos de Zimmermann (1999; 1996) entre o EC e PB em situações de contatos lingüísticos na América, evidenciando que a hipótese de um pós-crioulo é verdadeira no sentido histórico e linguístico. Mas, não pelos aspectos léxicos ou fonéticos (dada a ausência de material metalingüísticos), mas por mudanças sintáticas²¹. O autor discute que é a natureza do contato que vai ativar ou retardar uma tendência que a própria língua tem. Dessa forma, ainda que apresente apenas evidências do componente africano no terreno do léxico e em outros níveis, mesmo a partir de deduções de comportamentos da sócio-história ou em outros aspectos do sistema da língua, as lacunas ainda permanecem sobre o contato no caribe hispânico entre espanhol e línguas africanas e o papel delas na formação do EC.

A respeito da representatividade afro-hispânica em Cuba, não podemos deixar de falar da presença da comunidade cubana nos Estados Unidos que fomentou uma grande quantidade de estudos fonológicos, sociolinguísticos e léxicos em Havana e outras cidades de grande porte. (LIPSKI,1996)

2.6 Concluindo a Seção

Fizemos, nesta seção, uma breve revisão sobre o espanhol americano (generalizações que foram construídas ao longo do tempo) e explicações sobre a variação linguística do espanhol caribenho (conceito e características que são evidenciadas pela divisão dialetal). Ainda sinalizamos alguns pontos reflexivos sobre a variação do espanhol (reflexão sobre as políticas linguísticas desde o colonialismo e discussão sobre o termo “estándar” e “crioulo”). Por último, discorreremos sobre a constituição do espanhol atual, o conjunto de variedades da língua (Espanha e América) na perspectiva histórica da Sociolinguística e Sócio-

²¹ Se a hipótese do fenômeno está demonstrada na constituição dos pronomes sujeitos e está evidenciada no EC e PB, G. Maté (2013) sugere um estudo diacrônico mais aprofundado, pois o mesmo fenômeno ocorreu de forma semelhante na România Europeia (Galorromania) quando se fala de línguas de contato de sujeito obrigatório (a influência de línguas germânicas com o francês) (2013, p.86).

História e a importância das línguas de contato na sua formação (línguas africanas).

Na próxima seção, seguiremos com a discussão sobre o sujeito pronominal no espanhol e análise da Teoria gerativa com os Princípios e Parâmetros para uma melhor compreensão do Parâmetro do Sujeito Nulo na configuração do espanhol caribenho.

3 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

A Teoria Gerativa é uma corrente da Linguística que define a concepção de Língua e Gramática como entidade biológica presente na mente humana com propriedades que permitem a aquisição da língua. Chomsky (1986) denomina a Língua sob dois aspectos: Língua-I e Língua – E. O Primeiro é o conhecimento do indivíduo, a língua interna e a sua representação mental, enquanto que o segundo aspecto diz respeito à produção desse conhecimento linguístico (compreensão de palavras, sintagmas etc.). De acordo com Chomsky (1981;1986), a capacidade para a linguagem é inata, chamada de Faculdade da linguagem²². Esse pressuposto teórico rompeu a visão que se tinha da linguagem como dimensão social, contrastando com o estruturalismo e a visão socioantropológica, passando a ser vista como capacidade natural humana. A Gramática Gerativa, então, busca investigar o cérebro humano e sua capacidade de falar e compreender uma língua, quais são os elementos gramaticais que se formam desde o nascimento que explicam o desenvolvimento do processo de aquisição de linguagem. Carnie (2006) explica que regras gramaticais, na concepção da teoria gerativa, são regras formais, diz respeito à ordem na sentença. Diz que:

In generative grammar, the means for modeling these procedures is through a set of formal grammatical **rules**. Note that these rules are nothing like the rules of grammar you might have learned in school. These rules don't tell you how to properly punctuate a sentence or not to split an infinitive. Instead, they tell you the order in which to put your words (in English, for example, we put the subject of a sentence before its verb; this is the kind of information encoded in generative rules). These rules are thought to generate the sentences of a language, hence the name generative grammar. You can think of these rules as being like the command lines in a computer program. (p.5-6).

Assim, um dos módulos da mente é uma espécie de programa computacional cuja composição são regras internas que discorrem todo um aparato linguístico chamado Gramática Universal. O gerativista se preocupa com o conhecimento particular do indivíduo (língua-I). Chomsky (1986, p.17) considera o

²² Faculdade da Linguagem é um dna humano apto a constituir a aquisição da linguagem (o estágio inicial é a GU -Gramática Universal e estágio final é a língua- I). (Chomsky 1986)

conceito de gramática²³ vinculado à natureza da língua, aquisição e uso, determinando que existem propriedades que permitem esse processo na mente do indivíduo.

Surge, então, o conceito de Gramática Universal (GU), um órgão biológico que possui Princípios fixos comuns a toda espécie e semelhante a todas as línguas humanas e os Parâmetros (espécie de Princípio mais flexível que acompanha todo o estágio da faculdade da linguagem até marcar os dados fornecidos pela comunidade de fala)²⁴.

Nos anos oitenta, surge uma nova perspectiva de conceber as modulações da gramática: Os Princípios e Parâmetros. A Teoria dos Princípios e Parâmetros (TPP), criada por Chomsky (1981), explica que todas as línguas obedecem a leis gerais, denominadas de princípios, já os parâmetros são abertos à variação. Considera que os Parâmetros marcam a variação entre as línguas (Chomsky, 1998,1993,1995), eles apresentam flexibilidade, têm comportamento binário e recebem uma marcação positiva ou negativa a depender de como as línguas combinam as relações do Princípio fixo. Carnie (2006) acrescenta que as diferentes línguas se mostram pelas configurações de parâmetros inatos que selecionam as possíveis variantes. Ele diz:

Foreshadowing slightly, we'll claim there that differences in the grammars of languages can be boiled down to the setting of certain innate **parameters** (or switches) that select among possible variants. Language variation thus reduces to learning the correct set of words and selecting from a predetermined set of options (p.22).

²³ “Podemos caracterizar la **gramática** como un sistema de reglas que generan el conjunto de oraciones de una lengua. Una gramática de este tipo se denomina **generativa**,⁶ porque cualquier oración resulta de aplicar en un determinado orden algunas de las reglas del sistema.

En su uso cotidiano de la lengua, el hablante demuestra que ha interiorizado las reglas de la gramática. Se trata de un conocimiento inconsciente, que no ha precisado de instrucción previa. Durante el período de adquisición, el niño abstraer las reglas de la gramática a partir de los enunciados emitidos en su entorno y sin necesidad de recibir información gramatical explícita.”(HERNÁNZ y BRUCART, 1987).

²⁴ Segundo Guimarães (2017) a concepção de que a GU é um aparato biológico é recente. Ele diz o seguinte: “Apesar desse caráter modesto, iniciou-se ali a difusão da ideia ousada de que a GU corresponderia a um órgão do corpo humano, numa discussão entre Chomsky (p.75-78) e demais participantes do debate, com base na contribuição de Cellérier (1980a)” (GUIMARÃES,2017,p.297).

Um exemplo bastante estudado na atualidade é o Parâmetro do Sujeito Nulo e o Princípio da Projeção Estendido (EPP)²⁵ que são caracterizações das propriedades da Gramática Universal. Sobre o Parâmetro do sujeito nulo (PSN), a teoria propõe que todas as línguas apresentam uma posição estrutural de sujeito (um princípio fixo) que controla a variação entre as línguas no que se refere à realização fonética do sujeito.

Carnie (2006) exemplifica de forma bem clara como as regras da gramática selecionam uma propriedade específica de uma língua:

Here is an analogy that might help you understand this concept. Imagine that in your head you have a box of switches, just like the box of master breaker switches which controls the electricity in your house. These switches can be set on or off. The options in the X-bar rules are like these switches, they can be set in one direction or the other (and in some situations – such as adjuncts in English – allow both settings).
When you are a child acquiring your language, you subconsciously set these switches, to tell you which version of the rules to use. Notice that this gives us a very simple system for acquiring the word order of our languages. There are a finite set of possibilities, represented by the different settings of the parameters. (p.174)

Como se fossem vários dispositivos que se encaixam e combinam, acendendo e apagando as finitas possibilidades de configurações. Ou seja, controlam a realização fonética do sujeito. Por exemplo, o espanhol e português europeu são línguas que licenciam o sujeito nulo (apresentam marcação positiva ou [+ pro drop]) enquanto que o mesmo parâmetro apresenta a posição de sujeito preenchido lexicalmente como ocorre no francês e inglês (apresentam marcação negativa ou [- pro drop]). Essa teoria seguia o conceito binário de marcação paramétrica. No entanto, outros autores (RODRIGUES, 2002; HOLMBERG, 2005; 2010; ROBERTS, 2010) já propõem um *Sujeito Nulo parcial* ou *Semi pro drop* como um avanço desses estudos. Assim, a configuração do Parâmetro atual se classifica da seguinte maneira: línguas não *pro drop* (como o inglês e o francês), que não admitem sujeitos nulos em orações finitas, a não ser em contextos específicos, como em estruturas coordenadas e sentenças com verbos no modo imperativo; línguas radicalmente *pro drop* (como o chinês), que recorrem preferencialmente a sujeitos nulos, mesmo apresentando um paradigma verbo-

²⁵ Princípio que determina que todas as línguas possuem uma posição estrutural para o sujeito.

flexional reduzido; línguas canonicamente *pro drop* (como o português europeu, o espanhol e o italiano), que recorrem preferencialmente a sujeitos nulos em lugar de sujeitos fonologicamente explícitos, em função de seu rico paradigma verbo-flexional; línguas semi *pro drop* ou parcial (como o português brasileiro, o espanhol caribenho e o islandês), que, embora admitam sujeitos nulos, apresentam fortes restrições à sua realização. Para mais detalhes a respeito dessa divisão, vejam-se os trabalhos publicados na coletânea organizada por Biberauer et al (2010), em especial o trabalho de Holmberg (2010)²⁶.

Para esta pesquisa, será considerada a análise da expressão/omissão do sujeito nulo na posição de sujeito na sintaxe do espanhol caribenho atual, em contexto semi *pro drop*. Fato esse que destaca Pérez Leroux (1999) sobre a variedade desta região que está perdendo a propriedade denominada pela Teoria Gerativa de língua *pro drop*. Como os Princípios e Parâmetros obedecem a um Princípio Universal inviolável, sob o âmbito desta teoria, será relevante tratarmos inicialmente do EPP que está vinculado ao PSN.

Toríbio (2000) afirma que algumas línguas, diferentes ou não, podem apresentar opções paramétricas distintas. Como, por exemplo, a omissão/expressão do sujeito no espanhol caribenho e entender que, em algumas gramáticas, são possíveis algumas restrições: Ela diz que:

Entender a variação lingüística é muitas vezes, entender as restrições em possíveis gramáticas que a natureza da faculdade da linguagem oferece, dentro da Teoria dos Princípios e Parâmetros (cf. a extensa literatura de pesquisa fundamentada em Chomsky, 1981, 1986). sistema central de princípios universais, com variação interlingüística atribuída a diferenças paramétricas bem delimitadas. No entanto, o avanço continuado deste programa de pesquisa permanece em grande parte desinformado pelos fatos de variação entre dentro de dialetos da mesma língua. Por exemplo, estudiosos lingüísticos que investigam pro-drop assumiram que existem línguas como espanhol e inglês que representam configurações divergentes. A questão que se coloca é se, e em caso afirmativo, como teoria pode acomodar diferenças encontradas entre e dentro de dialetos de um único comunidade, como é o caso na República Dominicana e na diáspora dominicana (cf. Toríbio, a ser publicado). (2000; p.327).

Segundo Torres Morais (2003), existem aspectos que caracterizam a ordem de palavras (SVO, VSO, VOS) que estão relacionados às posições sintáticas

²⁶ Segundo o prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos é importante observar também em Avelar, J. (2018).

ocupadas por argumentos (sujeitos e objetos). Nas línguas de sujeito nulo, embora apresentem diferenças entre si, de modo geral, implicam em uma liberdade maior na ordem dos constituintes. Ela diz que:

o ponto de vista da gerativa, alguns autores assumem que a ordem SVO deriva do movimento-A do sujeito para SPEC, IP satisfazendo as exigências de verificação de caso e traços ϕ ϕ , enquanto expletivos nulos preenchem a mesma posição nas ordens com inversão VSO e VOS, dentro desta perspectiva, a posição spec, IP está obrigatoriamente projetada na estrutura frasal e se define como posição dos sujeitos sintáticos lexicais ou nulos, referenciais ou expletivos. (p.9)

Greenberg (1966) também explica que as línguas possuem universais linguísticos nas possíveis ordens: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS e que a maioria segue uma ordem uniforme com sujeitos, depois iniciadas por verbos e por último por objeto. Assim, o espanhol e variedades atuais possuem uma ordenação livre de constituintes: a) Juan llegó, b) llegó Juan parece que são semelhantes, mas possuem valores informativos diferentes. (HERNANZ E BRUCART, 1987)²⁷. No caso do espanhol e suas variedades, a ordenação dos constituintes é flexível, porém, em alguns contextos, é relativo, tornando-a, muitas vezes, obrigatória nas interrogativas com -QU ou (WH-questions).

3.1 O EPP

O Princípio da Projeção Estendido se refere à estrutura argumental quando estabelece sujeitos sintáticos vinculados aos predicados em todas as sentenças das línguas humanas. Toda e qualquer sentença deve ter um sujeito licenciado. Este é um Princípio que dita uma regra geral da qual alguma categoria deve sempre preencher uma posição de sujeito. E sua posição estrutural é representada em Spec IP (CHOMSKY 1998).

²⁷ “Hernanz e Brucart (1987) discutem a relação entre ordem de palavras e estrutura informativa no caso do Espanhol e pontuam que não há língua que seja tão flexível sem que exiba algum tipo de ordenamento básico nem que há língua que seja tão rígida que não permita flexibilidade. Dentro do primeiro tipo de língua, os autores citam walpiri, uma língua indígena australiana, cuja única restrição estrutural é que o verbo seja o segundo elemento na oração; por outro lado, dentro do segundo tipo de língua, os autores citam o inglês, que apresenta predominantemente a ordem SVO, porém pode exibir, em contextos específicos, a ordem OSV. Também expõem que as línguas podem apresentar ordem livre de palavra (quando cada palavra pode ser movida independentemente) e ordem livre de constituinte (quando apenas constituintes podem ser movidos na oração).”

O EPP originalmente foi definido pelos gerativistas como uma exigência estrutural de que certos núcleos tenham especificador, ou seja, de que as sentenças possuam sujeito. Essa discussão foi retomada novamente por Chomsky (2000; 2001).

Segundo Butthers (2009), há várias maneiras de satisfazer o EPP, porém para esta pesquisa somente nos interessa o Parâmetro do sujeito nulo como opção variável da GU que possibilita o sujeito estar nulo ou realizado na sentença. Em casos de sujeitos expletivos, a GU licencia um sujeito com apenas característica funcional, tendo em vista que os verbos meteorológicos não selecionam nenhum argumento, denominando-se categorias vazias *pro*. No espanhol, o verbo é movido para alguma posição no IP. (HOLMBERG, 2000); (BUTHERS, 2009).

Como já foi citado anteriormente, o sujeito pode ser realizado em línguas [+pro drop], como o espanhol, ou em línguas [-pro drop], como no inglês e francês. Nos exemplos comparativos entre o espanhol e o inglês, podemos ver:

- (9) a. Pablo dijo que él bebe jugo de frutas.
 b. Pablo dijo que ___ bebe jugo de frutas.
- (10) a. Paul said that he drinks fruit juice.
 b. *Paul said that ___ drinks fruit juice.

Em (9a) o pronome *él* se refere a Pablo dando sentido de ênfase em língua *pro drop*. A língua não permite que se refira a uma terceira pessoa. Já em (10a) refere-se ao padrão de línguas não *pro drop* no qual o pronome deve ser usado obrigatoriamente. *He* pode se referir a Paul mesmo em contextos não enfáticos. Já em (10b) a sentença é agramatical sem o uso do pronome. Em (9b), o pronome ausente não interfere na gramaticalidade da oração. Vemos então, de um lado, pronomes que têm a função de sujeito com valores discursivos diferentes em (9a) e (10a) e, de outro, apresentando contraste nas estruturas: (19b) e (10b). Esse contexto evidencia que a expressão do sujeito é usada para desfazer ambiguidade em línguas que possuem as duas possibilidades. (LUJÁN, 1999)

Camacho (2008) elucida que as gramáticas das línguas oferecem várias possibilidades a respeito da obrigatoriedade de sujeitos explícitos. O uso de *it* no

inglês, por exemplo, geralmente se apresenta como sujeito explícito em quase todas as orações. A sua posição sintática de sujeito satisfaz o EPP mesmo sendo um expletivo, embora não tenha significado nem referência. Diferentemente no espanhol, o sujeito explícito não é necessário em casos de sujeito expletivo nem referencial. (RIZZI, 1982)

Sobre o PSN (Parâmetro do Sujeito Nulo), a literatura cita sete propostas de propriedades. A saber: a) a existência de SN, b) a inversão de sujeitos em cláusulas simples, c) movimento *qu-* de sujeitos em longa distância, d) pronomes resumptivos de sujeito nulos em cláusulas subordinadas, e) complementos explícitos em contextos de “*that-trace*”, f) expletivos obrigatoriamente nulos e g) diferenças interpretativas entre pronomes nulos y explícitos. (PERLMUTTER, 1971; CHOMSKY E LASNIK, 1977; CHOMSKY 1981).

Observemos em pares os seguintes exemplos dessas propriedades no espanhol e inglês:

(11) A existência de SN e a obrigatoriedade de expletivos nulos

- | | |
|----------------------|------------------------|
| a. Pedro llegó. | a. Peter arrived |
| b. <i>pro</i> Llegó. | b. * <i>pro</i> arrive |

Os exemplos acima de (11b) Em espanhol permite-se ou não o uso do sujeito pronominal, enquanto que no inglês, o asterisco marca a impossibilidade de usar o sujeito nulo, tornando a frase agramatical.

(12) Sujeito referencial nulo:

- a. He dormido tarde / Yo he dormido tarde.
- b. * work today / I work today

Em (12a) o espanhol apresenta duas possibilidades: com ou sem sujeito referencial. Ainda, a morfologia do verbo conjugado se refere à 1ª pessoa do singular. Porém a oração é agramatical em 12b, se se usar o sujeito referencial como nulo.

(13) Ausência de sujeito expletivo.

- a. Nieva />(*Ello) nieva
- b. It snows / *Snows

Acima, o exemplo em (13a), no espanhol não possui o uso de sujeito expletivo para verbos de fenômenos meteorológicos, então se se preencher a posição, o enunciado torna-se agramatical. O mesmo ocorre em (13b) onde a ausência do sujeito pronominal torna a sentença agramatical.

Uma classificação bastante relevante é apresentada por Gutiérrez Maté (2013) entre as línguas pro-drop e não pro-drop vista pela perspectiva da teoria dos Princípios e Parâmetros. A saber:

Línguas pro-drop:

- 1) *Possibilidade de omitir o pronome*
- 2) *Ordem SV e VS ('inversão livre')*
- 3) *Ordem VS com construções não finitas*

Línguas não – pro – drop:

- 1) *Não se pode omitir o pronome sujeito*
- 2) *Só ordem SV*
- 3) *Ordem SV com construções não finitas*
- 4) *Pronomes expletivos*
- 5) *Não existe a possibilidade de extração desde uma oração subordinada com que*

Assim, o autor demonstra que, no espanhol caribenho, as características de contexto em *pro drop* são: a) Possibilidade de omitir o pronome; b) Tendência para ordem SV no lugar de VS; c) Interrogativas sem inversão do sujeito; d) Ordem VS e SV com construções não finitas e e) Pronomes expletivos. Vejamos nos exemplos que segue em (14):

(14) (Espanhol Caribenho)

- a) Como una manzana/**Yo** como una manzana
- b) Juan ha llegado/ Ha llegado Juan
- c) ¿Qué Juan compró? vs ¿Qué compró Juan?
- d) Antes que estaba **yo** nacido/ antes que estaba nacido **yo**
- e) Llueve/**Ello** llueve

Alguns dados empíricos podem ser observados em Lipski (1994) relacionados à variação: a) sujeitos pré-verbais em perguntas parciais: “¿qué tú quieres?” em Cuba; b) pronomes explícitos tônicos se destacam e são sintagmas nominais plenos, c) debilitamento da flexão verbal nos dialetos da região do Caribe, d) sujeitos pré-verbais (sujeitos pronominais átonos ou clíticos) sobre os quais não nos aprofundaremos neste trabalho. Outros pesquisadores que se debruçaram sobre esse tema foram Henríquez Ureña (1940); Lipski (1996); Toribio (2000).

3.2 Pensando o Sujeito Pronominal

Muitos estudos da gramática tradicional consideram um problema definir e descrever a categoria pronome. A Real Academia explica o uso do pronome pessoal sob dois aspectos: o primeiro remete a algo ou representa esse algo. O segundo defende que a unidade linguística substitui o nome para evitar repetições.

A RAE define pronomes pessoais como atributo de pessoa. Geralmente, concorda com o verbo pela flexão verbal. No espanhol, os pronomes pessoais apresentam função de caso, ou seja, em sua morfologia desempenham funções sintáticas. O caso nominativo é o que nos interessa. A pessoa gramatical se expressa pela desinência de número e pessoa nas flexões verbais correspondentes ao sujeito, como podemos ver na sequência: “cantamos (1ª pessoa do plural), “canta (3ª pessoa singular)”.

Porém, nem sempre coincide a pessoa gramatical com a pessoa do discurso, como é o caso do pronome *usted*²⁸.

A gramática prescritiva também expõe casos de incorreções na concordância do pronome *usted/ ustedes* com a 2ª pessoa do verbo. A saber: “Dime usted” usado nas zonas rurais do México. Outro aspecto que a gramática espanhola prescreve: a) vários pronomes exibem sua forma no nominativo e no caso preposicional, b) o uso de pronomes pessoais é restrito quando faz referência a entidades inanimadas (RAE, 2010).

Na Gramática de Llorach (1997), os pronomes tônicos são considerados como uma subclasse dos substantivos, pois apresentam, ainda que parcialmente, mesma função. São dotados de número e gênero. Quando fazem referência léxica são chamados de pessoais, pois o verbo se distingue em 1ª, 2ª e 3ª pessoa. Segundo o autor, o morfema de pessoa, por já estar no verbo, indicará qual o sujeito gramatical sem necessariamente aparecer o pronome pessoal em *canto, cantas, canta* etc .

Entretanto, a aparição de um pronome na função de sujeito explícito também é frequente. Alguns casos podem os pronomes pessoais sujeitos apresentar casos de coincidência fônica com alguns tempos verbais, dos quais a 1ª e a 3ª pessoas se confundem, em casos de “yo” e “tú” para indicar mais precisão sobre a referência concreta do sujeito, mesmo sendo perceptíveis aos atos de fala. Assim, denomina-se redundância as situações que podem evidenciar o aparecimento do pronome. Veja-se nos exemplos em (1):

- (1) a. **Yo** te digo lo que hay, luego **tú** haces lo que te dé la gana (39.130).
 b. No se trata de lo que tienes, sino de lo que enseñas, que eres **tú** más espectáculo que el espectáculo (39.53). (LLORACH, 1997, p.74)

Podemos observar abaixo a tabela adaptada por Fernández Soriano (1999: 1219) que mostra apenas os pronomes tônicos do caso nominativo no espanhol estándar que funcionam como sujeito²⁹ e que nos interessam para esta dissertação:

²⁸ *Usted* é pronome de segunda pessoa porque se refere ao interlocutor, no entanto, gramaticalmente faz concordância com verbos e demais pronomes em 3ª pessoa.

PESSOA GRAMATICAL	SINGULAR	PLURAL
1ª PESSOA	yo	nosotros/nosotras
2ª PESSOA	tú/vos ³⁰	vosotros/ vosotras/
	usted	ustedes
3ª PESSOA	él/ ella	ellos/ ellas

Quadro 1. Sujeitos pronominais do Espanhol

Podemos perceber acima que os pronomes pessoais têm marcas de pessoa e número. Os pronomes de terceira pessoa e os plurais de primeira, segunda e terceira apresentam flexão de gênero, guardam marcas de caso do latim que surgiram no final do século XV (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999: 1220). O pronome *vosotros* e *vosotras* é usado no espanhol peninsular. Nas variedades americanas, são usados os pronomes *vos*, *tú* (2ª pessoa do singular) e *usted* (3ª.pessoas do singular), no plural *ustedes*. Os pronomes *él/ella*, *ellos/ ellas* se referem a pessoas e podem se referir a objeto, quando tem a função de sujeito explícito (pessoa humana ou personificada). Os valores de ênfase e contraste ocorrem em casos de função de objeto direto e indireto com referência a pronome pessoal átono. Vamos apenas trabalhar com os pronomes pessoais tônicos como sujeito.

Tratamos de expor a explicação da gramática tradicional referente ao pronome pessoal lembrando que, ao observarmos a função sintática, os pronomes pessoais podem se apresentar como sujeito, objeto direto e objeto indireto. Os pronomes pessoais tônicos ocupam a referida função, da qual iremos abordar de acordo com a visão da Gramática Descritiva³¹.

²⁹ Vale a pena destacar que o quadro 1 indica as formas dos sujeitos pronominais no espanhol europeu. O espanhol americano tem muitos sistemas pronominais e apresenta variação essencialmente em relação à segunda pessoa. Ver Fontanella de Weinberg (1999).

³⁰ Pronomes que expressam duas formas para a 2ª do singular: *tú* e *vos*, como uma forma que esboça confiança e informalidade e *usted*, em geral, aparece como marca de formalidade. Essa forma é mais difundida nas regiões americanas. Ou seja, as duas formas têm que estar na mesma comunidade, formas sem uma delimitação funcional. Exemplos:

“Tú podrías acompañar a los viejos a un paseo”

“El que no sepa comportarse no será admitido la próxima vez ya sabes vos.”

(Fontanella de Weinberg, 1999, p.1404)

³¹ Segundo Hernanz y Brucart (1987) “gramáticas normativas o prescriptivas las que tienen como objeto la fijación de la norma lingüística. En español se suele aceptar como norma lingüística la que dicta la Real Academia Española a través de su Gramática. En cambio, las gramáticas descriptivas intentan reflejar el uso de los hablantes, sin emitir juicios de valor sobre su corrección. (p.12)

3.3 O Pronome Pessoal Sujeito Segundo a Gramática Descritiva

Fernández Soriano (1999) faz uma análise dos casos da gramática tradicional na qual define o pronome como pertencente à classe dos substantivos em algum sentido, mas podemos ter propriedades semelhantes com adjetivos e artigos que compõem as expressões nominais. Ela diz o seguinte:

El pronombre personal desempeña, de hecho, las mismas funciones sintácticas que el sustantivo (que los sintagmas nominales). Se distingue del nombre común en que este posee rasgos semánticos inherentes, de modo que se le puede atribuir un significado léxico constante. Ese significado, por otro lado, puede ser restringido mediante complementos de distinto tipo, que constriñen su denotación (*la mesa redonda*). Una propiedad fundamental del pronombre es, por el contrario, la de carecer de contenido semántico: se trata de elementos 'vacíos', que adquieren significado de modo ocasional, dependiendo de las circunstancias del discurso. El pronombre, además, denota de modo inequívoco, de ahí que no pueda llevar determinantes, modificadores ni complementos: constituye por sí solo una expansión máxima nominal (1999,p.1211).

Zagona (2006) explica que os sujeitos pronominais no espanhol podem ser explícitos ou tácitos. Observem-se os exemplos abaixo:

- (1) a. Cantaron ellos
b. Cantaron

(ZAGONA, 2006, p.38)

Os pronomes explícitos aparecem expressos na sentença (1a), enquanto que os tácitos não (1b) devido à riqueza da concordância verbal que permite a identificação do pronome sujeito e possibilita a sua supressão na língua espanhola. No entanto, Fernández Soriano (1999, p.1224) diz que no espanhol é permitido omitir os pronomes na posição de sujeito, diferentemente do inglês, que só exhibe gramaticalidade em sentenças com os sujeitos expressos como em '*He saw her*'. Com essa temática, a autora traz uma discussão de que a desinência flexiva do verbo indica as pessoas gramaticais em todos os tempos verbais, afirmando que todas as frases possuem sujeito e conteúdo semântico concreto. Veja-se nos exemplos abaixo:

- (2) a. Trabajo de nueve a cinco todos los días.
 b. Trabajas de nueve a cinco todos los días.
 c. Trabaja de nueve a cinco todos los días.
 d. Trabajamos de nueve a cinco todos los días.
 e. Trabajáis de nueve a cinco todos los días.
 f. Trabajan de nueve a cinco todos los días.

O morfema de pessoa já está incluído no verbo, assim é possível perceber de qual sujeito gramatical se está referindo. Porém, no espanhol estándar é possível também o sujeito estar expresso, ocorrendo em situações de ênfase, redundância e ambiguidade.

Fernández Soriano (1999) explica que não precisa explicitar o sujeito em alguns casos, porém ressalta que, em línguas como o espanhol, existem pronomes nulos (foneticamente nulos) que estão relacionados ao verbo e que se podem recuperar devido a sua anexação ao verbo. Vejamos no exemplo a seguir:

- (3) a. Prometió que (ella) vendría a la reunión
 b. Esa tarea la terminas (tú) cuando puedas.

(FERNÁNDEZ SORIANO, 1999, p. 1277)

No caso acima (3), os pronomes sujeitos que aparecem entre parênteses podem não estar explícitos na sentença, marcando, assim, ênfase ou contraste quando realizados. Em (3a e 3b) a estrutura favorece uma interpretação gramatical, mas o falante quer deixar claro quem é a pessoa. Dito isso, existem duas situações no espanhol em que o pronome sujeito vem expresso obrigatoriamente:

a) quando o sujeito é o foco contrastivo – que não pode recair sobre um elemento sem conteúdo fonético (Rizzi, 1988: 15), por exemplo:

- (4) a. ¿Quién ha sido? – He sido yo.
 b. /* ____ He sido.

(5) A mis vecinos no les gusta que se hable de *(ellos).

(LUJÁN, 1999, p.1278)

No exemplo em (4), o sujeito está pleno na sentença, não prejudicando a gramaticalidade. O asterisco indica que o pronome não pode ser omitido sem prejudicar a gramaticalidade da sentença. Já em (5), no exemplo de Luján, afeta a gramaticalidade se não preencher o pronome.

b) Em alguns casos, o sujeito pode estar expresso mesmo sendo inanimado, como se vê nos exemplos:

- (6) a. Tus observaciones_i son **todas** ellas_i falsas.
 b. No es necesario encayolar este hueso_i. Se soldará él_i **solo/él**_i **mismo**.
 (RIZZI, 1988,p.15)

Nos exemplos expostos acima, Luján (1999) explicita que não tem como definir ao certo que a expressão/omissão do pronome possua a mesma função de ênfase em relação à neutralidade. Assim, observamos que, em situações em que aparecem os pronomes sem que sejam permitidas a omissão, esses não se caracterizam como enfáticos e contrastivos. Contudo, se aparecem em casos que permitem a omissão, são caracterizados como enfáticos e contrastivos. Ela também observou que o espanhol caribenho foge às regras da gramática tradicional. No exemplo abaixo, Morales (2007) apresenta o espanhol de Porto Rico e a frequência do sujeito pronominal na sentença, fato bem presente no espanhol caribenho:

- (7) Lo mismo le pasó a una fotógrafo..., también tuvo que esperar una serie de meses, porque (Se refiere a Picasso que es el tema del párrafo) *él* tiene los momentos contados ¿no? *Él* todavía se acuesta tardísimo, *él* trabaja muy intensamente, tal vez *él* esté la mayor parte del mediodía durmiendo pero es que ha estado hasta las tantas de la madrugada. (MORALES, 2007).

Outro aspecto interessante é o pronome *usted* quando vem expresso, a sua posição perante o verbo denota interpretações variadas, como se vê a seguir em (8):

- (8) a. Ya **ha cogido** usted las llaves.
 b. Se **irá** usted **acostumbrando** al clima paulatinamente.

Em 8a, na posição pós verbal, e 8b (entre o verbo auxiliar e o principal), não ocorre ênfase nem contraste. A presença de outros pronomes ou sintagmas nominais

tornaria a sentença agramatical. Entretanto, em posição pré-verbal, o pronome *usted* tem caráter distintivo em (9):

- (9) a. Tú no **puedes** entrar aquí.
b. Usted no **puede** entrar aquí.

Quando o pronome pessoal aparece no fim da oração, *usted*, assim como os outros pronomes e os sintagmas nominais, expressa contraste.

- (10) a. **Ha tenido** la culpa usted (no yo).
b. **Ha cogido** las llaves usted/ella .

Segundo (Fernández Soriano (1999; p.1235), o pronome *usted*, quando usado para reforçar um comportamento de respeito ou para desfazer a ambigüidade, não impede sua omissão.

Contrariamente do que se pensava que o pronome sujeito em sua omissão/expressão seria uma *variante livre* de caráter estilístico, a autora reforça que, em termos mais detalhados, não há alternância. Ressalta que não poderia ser redundante³² e, em alguns casos, o apagamento do sujeito pronominal seria obrigatório (p.1227).

Geralmente a omissão do sujeito pronominal ocasiona ambigüidade pela forma verbal, de (1ª e 3ª pessoa do singular) quando são iguais em tempos verbais como: pretérito imperfeito, condicional, presente de subjuntivo e imperfeito de subjuntivo (SORIANO, 1999). Por exemplo:

- (11) Mercedes y yo estábamos allí, y cuando **tocaba** las maracas llegaron los invitados.

Na sentença em (11), o verbo em negrito apresenta ambigüidade (refere-se a 1ª e 3ª pessoa do singular). Em muitos casos, a autora explica que há a necessidade de desfazer, favorecendo a presença do pronome explícito (p.1236).

³² A RAE considera a repetição de pronomes pessoais irrelevante, a não ser quando se queira enfatizar a posição de sujeito (geralmente na 1ª e 2ª pessoa) ou em caso de ambigüidade (3ª pessoa favorecida). (1973, *apud* ENRÍQUEZ, 1984), Alonso (1973, *apud* ENRÍQUEZ, 1984) sobre a redundância.

Portanto, a explicação da gramática tradicional quanto à omissão e à expressão dos sujeitos pronominais em espanhol promove diversas discussões: a posição de sujeito, fator referencial, favorecimento e restrições na oração, porém deixa uma lacuna no que diz respeito ao aparecimento do sujeito no espanhol caribenho.

3.3.1 O Pronome Sujeito no Espanhol do Caribe

A língua espanhola pertence ao grupo de línguas *pro drop*³³. Segundo Morales (1999, p. 77), o uso do pronome sujeito de forma explícita na fala caribenha é muito frequente, principalmente na posição pré-verbal, contrariando a padronização da gramática normativa do espanhol. *A priori*, a flexão verbal de número e pessoa marca o pronome sujeito, não sendo comum a sua aparição, só em casos que foram explicitados anteriormente (contraste, ênfase e ambiguidade). Porém, nas variantes³⁴ caribenhas, se dá de maneira inversa. É fato notar, por exemplo: a) Anteposição do sujeito (ou continuidade de tópico que se configuram com sujeitos explícitos: *¿Qué tú dices?*; b) *Más* em combinações que precedem palavras negativas: *más nunca, más nada, más nadie*, c) Uso de sujeito léxico em formas infinitivas, d) Uso de *para* sem as construções de subjuntivo no uso informal da língua: *¿Qué tú me recomiendas para yo entender la linguística?* (LIPSKI,1996).

Toribio (1993) também acrescenta que, em casos de pronomes expletivos, o pronome *ello*, usado na fala caribenha atual, como em: *“ello quiere llover”* está relacionado com a perda de característica de pessoa da flexão verbal e, como consequência, impossibilita a sua omissão.

Alguns autores, como López Morales (1992) e Toribio (2000), atribuem a essa variação no Caribe a perda do morfema /s/ em final de sílaba, desconfigurando as formas verbais e causando indistinção entre a 2ª e 3ª pessoas do singular. Veja-se no quadro 2 a conjugação:

Pronombre Personal	Forma Verbal
Yo	quiero

³³ Permite-se que o sujeito esteja explícito ou nulo nas orações em espanhol. Já em inglês é obrigatório o uso do sujeito (Morales, 1999).

³⁴ Variedades são diferentes formas de manifestação de fala de uma língua. Veja-se também que variável e variante linguísticas são sinônimos para Tarallo (2007 p.8); são formas em variação de uma língua.

Tú	quiere
Él	quiere
Nosotros	queremo
Ello/ustedede	quiere

Quadro 2. Marcação verbal do espanhol do Caribe.

Em alguns tempos verbais, como imperfecto de indicativo pluscuamperfecto, condicional, condicional perfecto e modo subjuntivo, as três formas do singular ficam idênticas causando ambiguidade. Como não há uma compensação fonológica, usa-se o pronome pessoal para tirar as marcas de ambiguidade. Toribio (2000) discute a hipótese funcional como uma ocorrência frequente na região caribenha. Ela explicita alguns outros autores como Roeper 1999 que acredita que os dominicanos sejam “bilíngues” em sua própria língua nativa. (p.4). Chomsky (1995; 199) afirma que, em algumas línguas, há a concorrência dos parâmetros diferentes em que a mente seleciona qual das duas gramáticas assumiria, se as velhas formas ou a forma de sujeito nulo.

Em consonância, Morales (1997: 154) critica a validade da hipótese funcional pelas evidências de outros fenômenos linguísticos mais gerais que ocorrem na região caribenha (citados acima) que fazem realizar o sujeito pronominal, mostrando, assim, que a teoria da hipótese funcional não é suficiente.

Gutiérrez Maté (2013) apresenta algumas discussões bastante relevantes sobre a realização do sujeito no Caribe. E diz que a perda de s em final de sílaba e perda da flexão verbal teve sua origem através de contato de línguas subsaharianas (boçais e ladinos) por apresentarem a expressão obrigatória dos pronomes sujeitos (característica de línguas Bantu)³⁵. Porém, em situações pragmáticas, o sujeito é omitido de forma semelhante às línguas ibero-românicas, voltando à configuração de línguas *pro drop*. (p.89).

3.3.2 Concluindo a Seção

Esta seção teve o objetivo de fazer uma breve apresentação sobre o fenômeno gramatical a ser estudado, a saber, a omissão/expressão do sujeito pronominal no espanhol e diversas discussões a respeito. Apresentamos a perspectiva da Gramática Gerativa, definição de sujeito pronominal, em seguida, resumimos o entendimento da Gramática Tradicional e, por fim, apresentamos o

³⁵ Situação análoga ao que aconteceu com o português do Brasil.

funcionamento segundo a Gramática Descritiva e discussões sobre o espanhol caribenho.

A seção destacou aspectos mais detalhados da expressão/omissão dos pronomes sujeitos no que se refere ao espanhol geral e ao espanhol caribenho por apresentar variantes distintas do padrão de língua *pro drop*. Foram destacados exemplos contrastivos entre língua *pro drop* e não *pro drop* e de como se apresentam na mente do falante no inglês e no espanhol não caribenho, de acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros. Assim, exibimos características teóricas do Parâmetro do Sujeito Nulo e do EPP como discussões relevantes que envolvem o espanhol caribenho como língua parcial *pro drop*.

Na próxima seção, falaremos da variação socioparamétrica e apresentaremos os dados coletados do *corpus* do PRESEEA (Havana, Caracas e México) do qual faremos uma análise de dados das regiões citadas a respeito da expressão/omissão do pronome sujeito.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos a metodologia do trabalho considerando a variação do espanhol americano, bem como o *corpus* analisado e faremos uma apresentação e análise dos dados coletados no *corpus*.

Nosso fenômeno em análise é a variação na realização ou omissão do sujeito pronominal no espanhol americano. Interessa-nos observar em quais contextos e em quais variedades há favorecimento ou desfavorecimento do uso do pronome sujeito. Para isso, adotamos critérios linguísticos e sociolinguísticos.

Em primeiro lugar, precisamos justificar a escolha das variedades selecionadas. Fontanella de Weinberg (1993) faz uma discussão sobre a origem e caracterização do espanhol americano na qual a autora se baseia em critérios sócio-

históricos para definir o espanhol da América, como já pontuamos na segunda seção desta dissertação. Essa linguista se vale do conceito de standardização, com base no modelo de Siegel (1985), que diz que uma variedade *standard* é a forma codificada de um idioma que é aceita e serve como modelo de uma comunidade relativamente grande. Fontanella de Weinberg (1993) entende a standardização como um processo de passagem de uma fala popular à variedade *standard* e assume que seja incontestável que a maioria das variedades do espanhol, pelo menos as urbanas, passou por esse processo e estabelece diferentes níveis de standardização para o espanhol americano: no extremo mais standardizado, está o espanhol mexicano (e, muito próximo, o espanhol peruano, devido às características sócio-históricas semelhantes); no extremo menos standardizado, o espanhol paraguaio; e as demais variedades entre esses dois extremos, formando um *continuum*³⁶.

Desta forma, selecionamos amostras de três variedades americanas: Cidade do México, Havana e Caracas. Havana e Caracas por fazerem parte do espanhol Caribenho, variedade que mantém contato linguístico com línguas africanas e apresenta um comportamento sintático bastante diferente das demais variedades do espanhol. Cidade do México, por ser a variedade mais standardizada servindo assim como grupo controle para as comparações.

Os dados que foram coletados nas três cidades americanas são fruto do PRESEEA (Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América) criado pela ALFAL em 1993. É um sítio virtual, composto por grupos de sociolingüistas que fizeram pesquisas metodológicas relacionadas à comunidade de fala hispânica com o objetivo de atender os diversos meios educacionais direcionados a investigações acadêmicas. Para nossa pesquisa, retiramos entrevistas entre o período de 2017- 2018, que estão disponibilizadas na plataforma em três formas de escolha: por cidades e subgrupos (idade, gênero masculino ou feminino e níveis de escolaridade).

O *corpus* é composto por entrevista semidirigida em que o falante tem liberdade sobre o que quer falar, mas a metodologia permite que o entrevistador controle a estrutura da entrevista pela temática conduzida para não desviar do tema inicial. Geralmente, a entrevista segue uma ordem como: saudações, clima, infância

³⁶ Veja-se sobre esse assunto em Campos (2012, 2015) e Petter (2008).

e adolescência, vida adulta, casamento, hábitos e costumes, passado e presente, governo e economia, despedida. A maioria das entrevistas duravam entre 15 a 45 minutos, com algumas interrupções do entrevistador. A transcrição foi realizada dentro da padronização estabelecida pelo TEI (*Text Encoding Initiative*), reconhecida internacionalmente nos trabalhos investigativos.

A seguir, apresentaremos sucintamente a metodologia empregada na coleta e análise dos dados para esta Dissertação.

4.1 Metodologia

Após a delimitação das variedades, como exposto acima, passamos à seleção dos critérios extralinguísticos. Considerando que Cruz (2018) realizou um trabalho comparativo do mesmo fenômeno entre o espanhol de Madri e de Havana, analisando homens de baixa escolarização, decidimos analisar somente entrevistas realizadas com mulheres de baixa escolarização. A escolha do nível educativo baixo se deve ao fato de que, como pontuado por Pinto (2009), em crítica a Lope Blanch (2002), o nível selecionado para discussão da variação do espanhol sempre foi o culto, que recebe influência da norma padrão³⁷. Assim, selecionamos informantes de baixa escolarização por acreditarmos que esse nível reflete melhor a língua vernácula, mais transparente aos resultados dos processos sócio-históricos.

Considerando a discussão de Weinreich, Labov e Herzog (1968) sobre o estudo da mudança linguística em tempo real e em tempo aparente, selecionamos falantes de duas faixas etárias, primeira e terceira, ou seja, jovens e idosas, dado que a diferença de idade pode oferecer algumas pistas sobre a mudança na língua.

Assim, temos o seguinte quadro com a relação das informantes selecionadas considerando os critérios extralinguísticos:

Informante	Gênero	Idade	Escolaridade	Localidade
CARA_M11 001	Mulher	32 anos	Baixo nível de estudos	Caracas
CARA_M31 002	Mulher	74 anos	Baixo nível de estudos	Caracas
MEXI_M11 084	Mulher	21 anos	Baixo nível de estudos	C. do México
MEXI_M31 103	Mulher	74 anos	Baixo nível de estudos	C. do México
LHAB_M11 007	Mulher	21 anos	Baixo nível de estudos	Havana
LHAB_M31 031	Mulher	71 anos	Baixo nível de estudos	Havana

Quadro 3. Relação de informantes analisadas.

³⁷ Essa crítica à tomada da norma culta para estudo da variação do espanhol já havia sido apresentada de outra forma por Rona (1964).

Com relação às variáveis linguísticas, definimos a variável dependente e selecionamos variáveis independentes.

A variável dependente é o fenômeno em análise, ou seja, a realização e a omissão do pronome pessoal sujeito, como ilustrado nos exemplos em (1), de sujeitos realizados, e (2) de sujeitos ocultos³⁸ retirados de cada uma das informantes:

- (1) a. porque tú **sabes** que uno tiene que guardar su reposo (CARA_M11)
 b. yo **nací** en La Pastora (CARA_M31)
 c. es que ella **sale** mucho (MEXI_M11)
 d. Yo **viví** con mis hijos (MEXI_M31)
 e. yo no **soy** de cocinar mucho (LHAB_M11)
 f. no porque ellos se lo **piden** y nunca deben de pasar trabajo (LHAB_M31)
- (2) a. yo creo que ___ **trabajo** más en la casa que en la calle (CARA_M11)
 b. ___ **vivimos** en Catia (CARA_M31)
 c. y lo que ___ **hago** es dormirme la verdad (MEXI_M11)
 d. y pues ya este ___ **estuve** ahí (MEXI_M31)
 e. ya se conocieron ah qué sé yo ___ se **casaron** y vinieron para acá a La Habana a vivir (LHAB_M11)
 f. verdad porque ___ **empezó** a gritar que quién le había hecho aquello (LHAB_M31)

Os dados em (1) e (2) acima mostram que os sujeitos pronominais podem estar expressos ou omitidos em todas as variedades e em qualquer uma das pessoas do discurso.

Como variáveis independentes, selecionamos o tipo de oração (matriz, coordenada, subordinada e relativa), a pessoa gramatical³⁹ e o traço de animacidade

³⁸ Nos exemplos, o verbo em questão está destacado em negrito. Quando há sujeito realizado, aparece sublinhado. Quando o sujeito está oculto, indicamos com o espaço sublinhado vazio.

³⁹ Embora tenhamos incluído no cômputo total a 2ª pessoa, na análise das variáveis independentes não a incluímos considerando a baixa produtividade devido ao formato das entrevistas, que desfavorecem o aparecimento de pronomes de 2ª pessoa.

da terceira pessoa (a primeira e a segunda são exclusivamente animadas, não se prestando a esse tipo de escrutínio):

(3) Orações matrizes

- a. ella se **divertía** con el sufrimiento de los demás (LHAB_M31)
- b. ___ **tengo** una amiga que yo con ella yo sé que ¡ay! (CARA_M11)

(4) Orações subordinadas

- a. haga de cuenta que si yo **decía** voy a hacer esto es porque lo voy a hacer (MEXI_M11)
- b. y cuando ___ **voy** por la hacienda (CARA_M31)

(5) Orações coordenadas

- a. criatura tan bella que me está haciendo algunas preguntas y yo **voy** a respondérselas (LHAB_M31)
- b. yo me asomo a la puerta y ___ **veo** un yo no sé como tres (CARA_M31)

(6) Orações relativas

- a. y la comida que **tenía** yo que dar (MEXI_M31)
- b. donde ___ **estábamos** trabajando (LHAB_M31)

(7) 1ª Pessoa

- a. ya nosotros **hacemos** todo eso (MEXI_M11)
- b. ya ___ no **salíamos** para nada (MEXI_M31)

(8) 3ª pessoa

- a. porque ellos se lo **piden** LHAB_M31
- b. porque ___ **han** fallecido (LHAB_M11)

(9) +Animado

- a. él **llegó** ahí (MEXI_M11)
- b. ___ se **iba** en la mañana y estaba un rato ahí (CARA_M31)

(10) -Animado

- a. él **era** por corriente eso se llamaba trolibús (CARA_M31)
- b. **es** en mi casa (CARA_M31)

Devemos fazer uma pequena observação sobre os dados. Para análise foram consideradas apenas as orações declarativas finitas com sujeito pronominal expreso ou nulo. Foram descartadas as orações com sujeito nominal, com sujeito demonstrativo, construções passivas e impessoais com "se" e orações relativas de sujeito⁴⁰.

A seguir, apresentamos uma breve discussão dos resultados quantitativos obtidos buscando extrair alguma reflexão de cunho qualitativo.

4.2. Descrição dos Dados

Considerando os critérios apresentados na seção anterior, o quadro abaixo sumariza o quantitativo total de orações analisadas em cada uma das três variedades:

Informante	Quantidade
CARA_M11 001	408
CARA_M31 002	171
MEXI_M11 084	165
MEXI_M31 103	228
LHAB_M11 007	58
LHAB_M31 031	185

Quadro 4. Quantitativo total de orações analisadas.

Apresentaremos, a seguir, os dados encontrados em cada informante e, por fim, faremos considerações gerais comparando os resultados.

4.2.1 Caracas - Jovem

O quadro 5 a seguir retrata a porcentagem da realização e da omissão do sujeito pronominal em cada tipo de oração.

⁴⁰ As orações relativas de sujeito foram descartadas porque leva o problema para a análise da sua estrutura no sentido de discutir se o relativo é resultante de movimento da posição vazia ou se é algum outro tipo de categoria. Considerando que a discussão extrapola os objetivos desta Dissertação, apenas consideramos relativas em que o elemento relativizado não é o sujeito, permitindo claramente que o sujeito fosse expreso ou omitido.

Tipos de Oração									
Total		Matrizes		Subordinadas		Coordenadas		Relativas	
+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
70,83	29,17	78	22	32,14	67,86	64,65	35,35	65,21	34,79

Quadro 5. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Caracas Jovem.

No cômputo total, 70,83% do total de orações apresentam preenchimento do sujeito. Considerando os vários tipos de orações, observa-se que as orações matrizes são as que mais favorecem o preenchimento, com 78% dos casos, enquanto as orações subordinadas são as que menos favorecem o preenchimento, com 32,14% dos casos. As orações coordenadas e as relativas apresentam o mesmo percentual, favorecendo o preenchimento do sujeito.

O quadro 6 apresenta a síntese considerando a pessoa gramatical.

Pessoa Gramatical			
1ª Pessoa		3ª Pessoa	
+	-	+	-
75	25	64,73	35,27

Quadro 6. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Caracas Jovem.

O quadro mostra que a 1ª pessoa favorece mais, com 75% dos casos, que a 3ª pessoa, com 64,73% o preenchimento do sujeito.

O quadro 7 abaixo mostra o resultado considerando a animacidade:

Animacidade da 3ª pessoa			
+Humano		-Humano	
+	-	+	-
71,97	28,03	0	100

Quadro 7. Realização X Omissão do sujeito por animacidade - Caracas Jovem.

A observação do quadro 7 leva a considerar que, enquanto os sujeitos com o traço [+humano] favorecem o preenchimento do sujeito, com 71,97% dos casos, os sujeitos com o traço [-humano] são categoricamente omitidos.

De modo geral, pode ser observado que o preenchimento do sujeito é favorecido na maioria dos contextos.

4.2.2 Caracas - Idosa

Apresentamos a seguir a síntese dos dados da idosa de Caracas. O quadro 8 ilustra a situação dos tipos de oração:

Tipos de Oração									
Total		Matrizes		Subordinadas		Coordenadas		Relativas	
+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
70,17	29,83	85,71	14,29	16,66	83,34	54,38	45,62	40	60

Quadro 8. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Caracas Idosa.

O quadro 8 mostra que, no cômputo geral, há um preenchimento do sujeito em 70,71% das orações. Os dados mostram também que as orações matrizes são as que mais favorecem o preenchimento com 85,71% das orações e que as orações subordinadas são as que menos favorecem com 16,66% das orações.

O quadro 9 a seguir apresenta os resultados considerando a pessoa gramatical:

Pessoa Gramatical			
1ª Pessoa		3ª Pessoa	
+	-	+	-
63,52	36,48	55,73	44,27

Quadro 9. Realização X Omissão do sujeito por pessoa - Caracas Idosa.

O quadro 9 mostra que a 1ª pessoa favorece mais o preenchimento do sujeito pronominal, com 63,52% das orações, que a 3ª pessoa, com uma porcentagem de 55,73%.

O quadro 10 abaixo ilustra os resultados considerando a variável animacidade:

Animacidade da 3ª pessoa			
+Humano		-Humano	
+	-	+	-
63,04	36,96	13,33	86,67

Quadro 10. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Caracas Idosa.

O quadro 10 mostra que o traço [+humano] apresenta variação com relação ao preenchimento do sujeito, sendo preenchido em 63,04% dos casos. O dado curioso está relacionado com o traço [-humano]. Das 15 orações registradas, 2 casos, que representam 13,33%, são de sujeitos pronominais expressos com referente [-humano], tal como ilustrado em (10a). Esse dado é interessante porque contrasta com as propriedades gerais do espanhol geral.

Assim como a jovem de Caracas, há, de modo geral, preferência pelo preenchimento do sujeito pronominal nos dados da informante idosa.

4.2.3 Cidade do México - Jovem

Nesta seção, apresentamos os resultados da informante jovem da Cidade do México. O quadro 11 abaixo ilustra os resultados das orações matrizes:

Tipos de Oração									
Total		Matrizes		Subordinadas		Coordenadas		Relativas	
+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
47,27	52,73	59,75	40,25	30,76	69,24	36,84	63,16	30,76	69,24

Quadro 11. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - México Jovem.

Os dados contidos no quadro 11 mostram que a informante mexicana preenche apenas 47% das orações, mantendo o padrão de que as orações matrizes são as que mais favorecem o preenchimento, com 59,75% e as subordinadas as que menos favorecem o preenchimento, com 30,76%.

O quadro 12 a seguir apresenta a síntese da situação com as pessoas gramaticais.

Pessoa Gramatical			
1ª Pessoa		3ª Pessoa	
+	-	+	-
49,12	50,88	44,79	55,21

Quadro 12. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Jovem.

O quadro 12 mostra que há um resultado bastante aproximado de preenchimento entre 1ª pessoa, com 49,12%, e 3ª pessoa, com 44,79%.

A seguir, no quadro 13 são apresentados os resultados referentes à animacidade do sujeito.

Animacidade da 3ª pessoa			
+Humano		-Humano	
+	-	+	-
54,87	45,13	0	100

Quadro 13. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Jovem.

O quadro 13 mostra que 54,87% dos sujeitos com traço [+animado] são realizados com pronome, enquanto que há omissão de 100% dos pronomes em caso de sujeito com traço [-humano].

Os dados mostram que, embora haja uma quantidade significativa de preenchimento do sujeito com um pronome, esse fato se dá de maneira menos

produtiva que nas informantes de Caracas, o que é o esperado pelo fato de o espanhol mexicano ser considerado ainda uma variedade de sujeito nulo.

4.2.4. Cidade do México - Idosa

Apresentamos a seguir as considerações sobre os resultados da informante idosa da Cidade do México. O quadro 14 ilustra os resultados da variável tipo de oração:

Tipos de Oração									
Total		Matrizes		Subordinadas		Coordenadas		Relativas	
+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
78,50	21,50	88,29	11,71	75	25	74,02	25,98	62,06	37,94

Quadro 14. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - México Idosa.

O quadro 14 acima mostra que há preferência pelo preenchimento do sujeito no cômputo geral das orações, com 78,50% das orações. As orações matrizes favorecem 88,29% dos casos. E não há nenhum caso em que haja menos realização que omissão do sujeito.

O quadro 15 resume os resultados considerando as pessoas gramaticais:

Pessoa Gramatical			
1ª Pessoa		3ª Pessoa	
+	-	+	-
87,83	12,17	64,28	35,72

Quadro 15. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Idosa.

O quadro 15 mostra que a 1ª pessoa favorece muito mais o preenchimento, com 87,83%, que a 3ª pessoa.

Por fim, o quadro 16 mostra o resultado considerando a animacidade do sujeito:

Animacidade da 3ª pessoa			
+Humano		-Humano	
+	-	+	-
35,29	64,71	50	50

Quadro 16. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - México Idosa.

Nesse quadro, observa-se que há um favorecimento da omissão do sujeito com referentes [+humano] e que, considerando os 2 casos de referentes [-humanos], 1 é realizado e 1 é omitido.

Os dados apresentados da idosa mexicana são interessantes e levantam a questão de se não estaria havendo algum tipo de mudança nessa variedade considerando os contrastes com a informante jovem.

4.2.5 Havana - Jovem

Esta seção apresenta os resultados da informante cubana jovem.

Considerando os tipos de oração, tem-se os resultados apresentados no quadro 17 a seguir:

Tipos de Oração									
Total		Matrizes		Subordinadas		Coordenadas		Relativas	
+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
44,82	55,18	36	64	42,85	57,15	52,38	47,62	20	80

Quadro 17. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Havana Jovem.

O quadro 17 acima mostra que a jovem cubana preenche menos, com 55,18%, do que realiza, com 44,82%, o sujeito pronominal considerando o cômputo geral dos dados. As orações coordenadas são as que mais favorecem o preenchimento do sujeito embora não haja uma diferença substancial com a omissão do pronome.

O quadro 18 a seguir mostra o resultado tendo em vista as pessoas gramaticais:

Pessoa Gramatical			
1ª Pessoa		3ª Pessoa	
+	-	+	-
45,23	54,77	14,28	85,72

Quadro 18. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Jovem.

O quadro 18 indica que a 1ª pessoa favorece, com 45,23% dos casos, mais que a 3ª pessoa, com 14,28% dos casos, a realização do sujeito pronominal.

O quadro 19 a seguir apresenta os resultados considerando a animacidade:

Animacidade da 3ª pessoa			
+Humano		-Humano	
+	-	+	-
16,66	83,34	0	100

Quadro 19. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Idosa.

O quadro 19 mostra que, no tocante à animacidade, há uma preferência pela omissão do sujeito em casos de referentes [+humanos] e 100% de omissão de sujeitos em casos de referentes [-humanos].

O resultado da informante jovem cubana apresentado nesta seção mostra que, curiosamente, o preenchimento do sujeito é menos favorecido que a omissão.

4.2.6 Havana - Idosa

Nesta seção, apresentamos os dados da informante cubana idosa. O quadro 20 apresenta o resultado considerando os tipos de oração:

Tipos de Oração									
Total		Matrizes		Subordinadas		Coordenadas		Relativas	
+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
64,86	35,14	81,96	18,04	52,17	47,83	54,66	45,34	57,69	42,31

Quadro 20. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Havana Idosa.

Os dados do quadro 20 mostram que, em todos os contextos, há preferência pelo preenchimento do sujeito com o pronome, sendo preenchido em 64,86% no cômputo total e as orações matrizes as que mais favorecem o preenchimento, com 81,96% dos casos.

O quadro 21 a seguir mostra os resultados considerando a pessoa gramatical:

Pessoa Gramatical			
1ª Pessoa		3ª Pessoa	
+	-	+	-
68,88	31,12	47,61	52,39

Quadro 21. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Idosa.

Os dados do quadro 21 mostram que a 1ª pessoa favorece, com 68,88%, mais que a 3ª pessoa, com 47,61% o preenchimento do sujeito.

O quadro 22 abaixo apresenta os resultados com relação à animacidade:

Animacidade da 3ª pessoa			
+Humano		-Humano	
+	-	+	-
73,33	26,67	0	100

Quadro 22. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Havana Idosa.

Os dados do quadro 22 mostram que os sujeitos com traço [+humano] favorecem o preenchimento do sujeito, com 73,33% dos casos, enquanto não há nenhum tipo de registro de caso de preenchimento de sujeito com referentes com o traço [-humano].

Os dados observados na produção da informante cubana idosa mostram que há uma tendência ao preenchimento do sujeito.

4.3 Discussão

Os dados apresentados acima trazem questões interessantes. Considerando o cômputo geral por tipo de oração, tem-se os seguintes quadros comparativo de todas as informantes:

Caracas		Cidade do México		Havana	
+	-	+	-	+	-
70,83	29,17	47,27	52,73	44,82	55,18

Quadro 23. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Informantes jovens.

Caracas		Cidade do México		Havana	
+	-	+	-	+	-
70,17	29,83	78,50	21,50	64,86	35,14

Quadro 24. Realização X Omissão do sujeito por tipo de oração - Informantes idosos.

A síntese dos quadros 23 e 24 acima mostram resultados interessantes. Considerando as informantes de Caracas, os resultados estão de acordo com o previsto, indicando, de maneira geral, o preenchimento do sujeito nos dois casos. Os dados da Cidade do México se tornam interessantes ao observar a informante idosa, que apresenta 78,50% de preenchimento, o que não é esperado considerando que essa variedade é considerada uma variedade de sujeito nulo. Os dados das informantes cubanas também são interessantes, tendo em vista a informante jovem, que apresenta apenas 44,82% de preenchimento, o que também não é esperado

considerando que o espanhol cubano não é uma variedade de sujeito nulo consistente.

O contraste entre as informantes jovens e idosas da Cidade do México e Havana podem sugerir algum tipo de mudança gramatical em curso, se for levada em consideração a perspectiva de estudo da mudança linguística em tempo aparente. O mais interessante é a observação das orações matrizes, que, em todas as informantes, apresenta favorecimento do preenchimento, mas, na informante jovem cubana, apresenta favorecimento da omissão.

Algum trabalho futuro precisará investigar se os sujeitos realizados, especialmente na informante mexicana idosa, que destoa do esperado, têm valor contrastivo, enfático ou tópico, uma vez que, nesse contexto, a omissão não é possível, mesmo em línguas de sujeito nulo consistente. Não consideramos neste trabalho inicial o valor discursivo dos sujeitos realizados, o que pode oferecer algum tipo de interferência nos resultados obtidos.

Analisando a variável pessoa gramatical, todos os informantes apresentam maior preenchimento da 1ª pessoa que da 3ª pessoa:

	Caracas		Cidade do México		Havana	
	+	-	+	-	+	-
1ª pessoa	75	25	49,12	50,88	45,23	54,77
3ª pessoa	64,73	35,27	44,79	55,21	14,28	85,72

Quadro 25. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Informantes jovens.

	Caracas		Cidade do México		Havana	
	+	-	+	-	+	-
1ª pessoa	63,52	36,48	87,83	12,17	68,88	31,12
3ª pessoa	55,73	44,27	64,28	35,72	47,61	52,39

Quadro 26. Realização X Omissão do sujeito por pessoa gramatical - Informantes idosos.

A comparação dos dados considerando a variável pessoa mostra uma tendência semelhante à apontada por Duarte (2019) para o português brasileiro: a 1ª pessoa apresenta um avanço maior no preenchimento do sujeito que a 3ª pessoa, mesmo na informante cubana jovem, que apresentou menos preenchimento do sujeito no cômputo geral.

Um estudo mais refinado sobre o preenchimento das pessoas gramaticais se faz necessário para investigar uma série de questões. Por exemplo, se sujeitos

indeterminados podem ser expressos com pronome de 3ª pessoa do plural ou se apenas os sujeitos específicos são realizados com o pronome de 3ª pessoa e se sujeitos indeterminados podem ser realizados com sujeitos nulos de 3ª pessoa do singular ou se são realizados apenas com formas impessoais canônicas, por exemplo, com as construções com "se".

Por fim, devemos comentar algumas palavras sobre a animacidade do sujeito pronominal. Os dados mostraram que todas as informantes apresentam variação na realização e omissão do sujeito pronominal quando o sujeito de 3ª pessoa tem o traço [+humano]. No entanto, quando o referente de 3ª pessoa tem o traço [-humano], apenas as informantes mexicana idosa e venezuelana idosa apresentam casos de realização pronominal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve a finalidade de fazer uma análise sobre a expressão e a omissão do sujeito pronominal no espanhol americano tendo em conta as discussões que se fazem sobre a homogeneidade e a diversidade da língua na atualidade. Trabalhos anteriores indicaram que o espanhol caribenho possui uma representação mental (língua-l) diferente do espanhol geral. O espanhol geral seria uma língua de sujeito nulo consistente e o espanhol caribenho seria uma língua de sujeito nulo parcial ou de sujeito obrigatório.

Na primeira seção, apresentamos uma discussão sobre a diversidade do espanhol na atualidade. Apresentamos um panorama sociolinguístico do espanhol na atualidade, destacando que alguns dos aspectos da suposta homogeneidade do espanhol americano são mitos, alguns dos quais já criticados desde os anos 1960. Apresentamos também uma discussão sobre a definição do espanhol caribenho como uma zona dialetal própria, algumas de suas características sintáticas e algumas considerações sobre sua constituição sócio-histórica.

Na segunda seção, apresentamos algumas características sobre os sujeitos pronominais em diferentes perspectivas. Consideramos alguns dados descritivos e apresentamos a perspectiva da gramática tradicional e a perspectiva da gramática gerativa para explicar os fatos relacionados com a expressão ou omissão do pronome pessoal em função de sujeito.

Na terceira seção, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, os critérios linguísticos e extralinguísticos utilizados para seleção do *corpus* e dos dados, apresentamos os dados coletados e fizemos uma breve discussão dos resultados obtidos.

Os resultados mostraram que as informantes de Caracas confirmam a hipótese de que o espanhol caribenho não é mais uma variedade de sujeito nulo consistente, uma vez que as duas informantes preenchem com aproximadamente 70% dos casos o sujeito. Os dados da Cidade do México e Havana, por outro lado, levantam alguns problemas para a hipótese levantada inicialmente. As informantes da Cidade do México e Havana apresentam resultados opostos: a informante mexicana jovem tende a preencher mais o sujeito que a informante mexicana idosa; a informante cubana jovem tende a preencher menos que a informante cubana

idosa. O que nos leva a considerar que a informante mexicana idosa e a informante cubana jovem destoam das expectativas iniciais da pesquisa.

Considerando os estudos sobre a mudança linguística em tempo aparente, o contraste entre as informantes mexicanas pode sugerir que o espanhol mexicano estaria mudando de uma língua de sujeito preenchido para uma língua de sujeito nulo, o que não é plausível considerando que, desde o espanhol medieval, o espanhol europeu é uma variedade de sujeito nulo. O contraste entre as informantes cubanas indicam o mesmo caminho. Contudo, a perda do preenchimento do sujeito no espanhol cubano pode ser mais plausível que a do espanhol mexicano no sentido de que o espanhol cubano pode ter passado por um processo de preenchimento do sujeito e, em seguida, começa a reverter o processo na direção da omissão. Os dados de Cruz (2018) mostram que os informantes cubanos homens que analisou não apresentam diferença na realização/omissão do sujeito pronominal com relação aos dados do espanhol de Madri.

Os dados indicaram também que as orações matrizes são as que mais favorecem a realização do sujeito pronominal. Possivelmente, esse fato se deva a questões pragmáticas, de introdução de tópicos novos e mais dificuldade de recuperação de elementos dados contextualmente. Os dados também mostram que a pessoa gramatical é um fator relevante no preenchimento do sujeito, sendo a 1ª pessoa mais preenchida que a 3ª pessoa.

A comparação dos dados de Caracas e Havana também sugere que o espanhol caribenho não se constitua como uma variedade homogênea: a) os dados de Caracas apresentam consistência entre as informantes com relação ao preenchimento e omissão do sujeito pronominal enquanto as informantes de Havana não; b) é registrado em Caracas sujeito pronominal expresso com referente [-humano] mas em Havana não.

Por fim, é muito importante frisar muito enfaticamente que os dados obtidos nessa pesquisa são decorrentes da coleta de dados de apenas uma informante de cada faixa etária de baixa escolaridade de cada variedade, o que pode oferecer resultados bastante parciais e individuais do fenômeno, sendo necessárias investigações mais robustas com uma quantidade maior de informantes. Sabe-se também que, muitas vezes, os *corpora* não refletem a realidade linguística não exibindo dados possíveis na língua do mundo real, especialmente quando os *corpora* são constituídos de maneira controlada. Além disso, como já pontuado por

Cruz (2018), o *corpus* PRESEEA parece não ser adequado para algumas investigações sintáticas, dada a configuração das entrevistas que guiaram a constituição do *corpus*.

Os resultados obtidos dessa investigação são muito provisórios e preliminares. Levantam questões tanto sobre a variação gramatical do espanhol como questões sobre a eficiência do tipo de *corpus* utilizado para a pesquisa sintática.

Esperamos que os dados obtidos nessa pesquisa sejam inspiradores para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1994.
- ALBA, O. El español del caribe: unidad frente a diversidad dialectal. **Revista de Filología Española**, [s.l.], Tomo LXXII, p. 525-540, 1992.
- ALBA, O. **La Identidad Lingüística de los Dominicanos**. Santo Domingo: Ediciones Librería La Trinitaria, 2009.
- ALKMIM, T. M. Sociolingüística Parte I. *In*: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 21-47.
- ALVAR, Manuel. **Manual de dialectología hispánica**. El español de América. Barcelona: Ariel, 1996. .
- ALVAR, M. Textos Hispánicos Dialectales. *In*: **C.S.I.C**, Madrid: [s.n.], v. 2, 1960.
- ÁLVAREZ NAZARIO, M. **Historia de la lengua española en Puerto Rico**. Su pasado y su presente en el marco de la realidad social. San Juan: Academia Puertorriqueña de la Lengua Española, 1992.
- ÁLVAREZ NAZARIO, M. **Orígenes y desarrollo del español en Puerto Rico**. (siglos XVI y XVII). Río Piedras [s.n.], 1982.
- AMADO ALONSO, G. **Castellano, español, idioma nacional**. Buenos Aires: Losada, 1979.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. **Linguística**: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto: Cidade do Porto, v. 3, p. 55-75, 2018.
- BIBERAUER, Theresa; ROBERTS, Ian. Subjects, tense and verb-movement. *In*: BIBERAUER, Theresa *et al.* **Parametric variation**: Null subjects in minimalist theory. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010. p. 263-302.
- BOYD-BOWMAN, P. **Índice geobiográfico de cuarenta mil pobladores españoles de América**. Tomo I – 1493-1519. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1964.
- BUTHERS, C.M. **Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo e o parâmetro do sujeito nulo**: uma abordagem minimalista. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CALVET, Louis–Jean. **As Políticas Linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007. p. 166.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística Parte II. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2000. v. 1. p. 49-75.

CAMPOS, Ednalvo. O paradigma verbal em Jurussaca – cotejando dados de uma comunidade afrobrasileira com o PB/PVB. // The verbal paradigm in Jurussaca – comparing data from an Afro-Brazilian community with BP/BVP. **PAPIA** - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 189-199, 2012.

CARDOSO, S. A. Dialetoлогия. *In*: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARNIE, Andrew. **Syntax** - A Generative Introduction. 2. ed. New Jersey, USA: Blackwell Publishing, 2006.

CATALAN, D. El ceceo-zeceo al comenzar la expansion atlantica de Sevilla. *In*: **Boletín de Filología**, Sevilla, n. 6, p. 306-334, [1956 ou 1957].

CATALAN, D. Genesis del espanol atlantico. Ondas varias a traves del oceano. *In*: **Revista de Historia Canaria**, Universidad de La Laguna, Tenerife, n. 24, p. 1-10, 1958.

CARRICABURO, N. **El voseo en la historia y en la lengua de hoy**. Postado em: 2003. Disponível em: <http://www.elcastellano.org/ns/edicion/2004/julio/voseo.html>. Acesso em: maio 2019.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965. p. 115.

CHOMSKY, N. **O Conhecimento da Língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Editora Caminho, 1986.

CHOMSKY, N. **El programa minimalista**. Tradução: Juan R. Morales. Madrid: Alianza, 1995.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CLARK, R.; ROBERTS, I. A computational model of language learnability and language change. **Delta**, [s.l.], v. 8, p. 53-103, 1993.

CORREA, P. A. P. **Dimensiones sintácticas del español: su interacción con el discurso y el aprendizaje por hablantes de portugués**. Maringá: Eduem, 2010.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e historia**. O problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Editora da universidade de Sao Paulo, 1979.

CRUZ, Layz Marques. **Expressão/ Omissão do Sujeito Pronominal no Espanhol de Cuba e Espanha: Análise e Comparação de Dados em Havana e Madri.** 2018. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

DE AVELAR, Juanito Ornelas. Notas sobre orações existenciais, parâmetros pro-drop e constituintes locativos na história do Português Brasileiro. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 81-100, 2018.

DE NEBRIJA, Antonio; QUILIS, Antonio. **Gramática de la Lengua Castellana.** [S.l.]; Editora Nacional, 1981.

DI TULLIO, A. **Manual de gramática del español.** Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2010.

DUARTE, M. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. *In*: Roberts I; Kato M. A; Galves, C. (Org.). **Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2019. v.1. p. 93-126.

DUARTE, M. Sociolinguística “Paramétrica”. *In*: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução.** São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FANJUL, Adrián Pablo. Português Brasileiro, Espanhol de... Onde? Analogias Incertas. *In*: **Letras & Letras**, Uberlândia, MG, 2004.

FERNANDEZ ORDOÑEZ, I. Los origenes de la dialectologia hispanica y Ramon Menendez Pidal. *In*: CONGRESU INTERNACIONAL CIEN ANOS DE FILOLOXIA ASTURIANA (1906-2006), 2009, Asturias. **Actas [...].** [S.l.: s.n.]: 2009, p. 11-41.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española.** Madrid: Espasa-Calpe, 1999. vol. 3, p. 1208-1253.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América.** 2. ed. Madrid: Mapfre, 1993.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América.** Madrid: Mapfre, 1992.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Variedades conservadoras e innovadoras del español en América durante el periodo colonial. *In*: **RFE**, [S.l.]; n. 72, p. 361- 377, 1992.

FREITAS, Shirley. A origem do papiamentu: evidências para uma convergência de hipóteses. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 121-235, 2016.

GRACIA, Juan A. Frago. El seseo entre Andalucía y América. **Revista de Filología Española**, [s.l.], v. 69, n. 3/4, p. 277-310, 1989.

GRANDA, Germán. **Español de América, Español de África y Hablas Criollas Hispánicas**. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1994.

GRANDA, Germán. **Estudios lingüísticos hispánicos, afrohispanicos y criollos**. Madrid: Gredos, 1978.

GRANDA, Germán. **Estudios sobre un área dialectal hispanoamericana de población negra**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1977.

GRANDA, Germán. Sobre la etapa inicial en la formación del español de América. *In: SIMPOSIO DE FILOLOGIA IBEROAMERICANA*, 2, [1992], Zaragoza. **Actas** [...] Zaragoza: [s.n.], 1992c. p. 71- 100.

GRAVINA, A. P. **Sujeito nulo e ordem VS no português brasileiro: um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus**. 2014. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

GUANCHE, J. **Componentes Étnicos de la Nación Cubana**. Ciudad de la Habana: Fundación Fernando Ortiz y Ediciones Unión, 1996.

GUIMARÃES, Maximiliano. **Os Fundamentos da teoria linguística de Chomsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUTIÉRREZ MATÉ, M. Génesis de los pronombres sujetos obligatorios del español del Caribe: la hipótesis del contacto afro-hispánico sometida a revisión. *In: ENCINAS MANTEROLA, Maria Teresa (coord). Ars longa*. Diez años de AJHLE. Buenos Aires: Voces del Sur, 2010. v. 2.

GUTIÉRREZ MATÉ, M. **Pronombres personales sujetos en el español del Caribe**. Variación e historia. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Letras, Universidad de Valladolid, Valladolid. Institut Für, Romanistik, 2013.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. El supuesto andalucismo de América. **Cuadernos del Instituto de Filología**, [s.l.], n. 2, 1925.

HENRIQUEZ URENA, P. Observaciones sobre el español de América. *In: Revista de Filología Española*, [s.l.], n. 8, p. 357-390, 1921.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. Observaciones sobre el español de América. *In: MORENO FERNANDEZ, F. La división dialectal del español de América*. [S.l.]: Universidad de Alcalá de Henares, 1993. p. 39-62.

HERNANZ, María Lluisa; BRUCART, José María. **LA SINTAXIS**. Principios teóricos de la oración simple. Barcelona, España: Editorial Crítica, 1987.

HOLMBERG, A. Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive. **Linguistic Inquiry**, [s.l.], v.31, n. 3, 2000.

HUANG, C.T.James. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, [s.l.], n. 15, p. 531-74, 1984.

HYMES, D. Oncommunicative competence. In: PUGH, A. K.; LEE, V. J.; SWANN, J. (orgs.). **Language and language use**. London: Heinemann, 1966, p. 89-104.

INSTITUTO CERVANTES. Sala de Prensa. **El Instituto Cervantes presenta hoy el anuario «El español en el mundo 2017»**. Madrid: Instituto Cervantes, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2hWgh8v>. Acesso em: 01 maio 2018.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. (orgs.). **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 1-44.

JESPERSEN, O. **The Philosophy of Grammar**. Londres: Allen & Unwin, 1924.

KANY, E. C. **American-Spanish Syntax**. Chicago: [s.n.], 1945. p. 8-9.

KANY, E. C. **Sintaxis hispanoamericana**. Madrid: Gredos, 1969.

KATO, M. A. Strong and weak pronominals and the Null Subject Parameter. **Probus**, [s.l.], v. 11, p. 137, 1999.

KAYNE, Richard S. **Parameters and Universals**. Oxford Studies in Comparative Syntax. [S.l.]: Oxford University Press, 2000.

LABOV, W. The Study of Language in its social context. In: **Sociolinguistic Patterns**. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

LAPESA, R. **História de la lengua española**. 9 ed. Madrid: Gredos, 1981.

LAPESA, R. Sobre el ceceo y el seseo en Hispanoamerica. In: **RI**, [S.l.: s.n.], n. 1, p. 406-416, 1956.

LIPSKI, J. M. **El Español de América**. Madrid: Cátedra, 1996.

LIPSKI, J. M. **A History of Afro-Hispanic Language: five centuries, five continents**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005.

LIPSKI, J. M. La africanía del español caribeño. Estado de la cuestión CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGUISTICA Y FILOLOGÍA ROMÁNICA, 23, 2003, España. **Actas** [...]. España: [s.n.], 2003.

LIPSKI, J. M. Spanish - Based Creoles in the Caribbean. In: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (ed.). **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2008. p. 543-564.

LOPE BLANCH, J. M. La falsa imagen del español americano. In: **Revista de Filología Española**, [s.l.], v. 72, 1992.

LOPE BLANCH, J. M. La Norma Lingüística Hispánica. In: **Anuario de Letras. Lingüística y Filología**, Valladolid, v. 40, p. 23-41, 2002.

LOPES, Francisco João; CAMPOS, Ednalvo Apóstolo. A expressão pronominal no português brasileiro e no português falado em Cabo Verde, trilhando possíveis (as) simetrias. **PAPIA** - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 319-345, 2016.

LOPÉZ MORALES, Humberto. **La aventura del español en América**. Madrid: Espasa, 2005.

LOPÉZ MORALES, Humberto. **El Español del Caribe**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

LUDTKE, J. Diferenciación y nivelación del español en la expansión a Canarias y al Caribe en el período de orígenes. In: SIMPOSIO DEL INSTITUTO IBERO-AMERICANO DE BERLÍN, 1992, Berlín. **Actas** [...]. Madrid: Iberoamericana, 1994. p. 39-56.

LUENGO, J.L.Ramírez. **Breve história del español de América**. [S.l.]: Arco/Libro, 2007.

LUJÁN, Marta. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (eds.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. vol. 1, p. 1276-1315.

MALMBERG, B. L. **L'espagnol dans le Nouveau Monde**. Lund: [s.n.], 1948.

MATTE BOM, Francisco. **Gramática comunicativa del español: De la lengua a la idea**. Tomo 1. Madrid: Edelsa, 2009.

MEDINA MORALLES, Francisca. De la formación lingüística de Hispanoamérica: en torno a "El español de América" de B. Fontanella de Weinberg. In: **Revista de filología de la Universidad de La Laguna**, n. 12, p. 211-224, 1993. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=54317>. Acesso em: 17 out. 2015.

MEDINA LÓPEZ, Javier. **Lenguas en Contacto**. Cuadernos de Lengua Española n. 47. Madrid: Arco/Libros, 1997.

MEDINA MORALES, Francisca. Problemas metodológicos de la sociolingüística histórica. **Forma y Función**, Bogotá, n. 18, p. 115-137, 2005.

MILLAR, Robert. **Language, nation and power: An introduction**. [S.l.]: Springer, 2005. p. 79-83.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolingüística variacionista: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 27-31.

MORAIS, Maria Aparecida CR Torres. EPP generalizado, sujeito nulo e línguas de configuração discursiva. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 1, 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14111>. Acesso em: mar. 2019.

MORALES, A. Anteposición de sujeto en el español del Caribe. *In*: ORTIZ LÓPEZ, L. A. (ed.). **Enciclopedia de Linguística Hespánica**. [S.l.: s.n.], 1999. p. 77-98.

MORALES, A. **El Español del Caribe**. Madrid: Colecciones MAPFRE 1492, 1992.

MORALES, A. **Gramáticas en contacto**: Análisis sintácticos sobre el español de Puerto Rico. Madrid: Plaza Mayor, 1986.

MORALES, A. La hipótesis funcional y la aparición de sujeto no nominal: el español de Puerto Rico. **Hispania**, [s.l.], v. 80, p. 153-167, 1997.

MORENO DE ALBA, José G. **El español en América**. 2. ed. México: FCE, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, F.; OTERO, J. Demografía de la lengua española. *In*: **El Español en el Mundo**: Anuario del Instituto Cervantes. Madrid: Instituto Cervantes, Arco/Libros, 1998.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **¿Qué español enseñar?** Madrid: Arco/Libros, 2000.

MORENO FERNANDEZ, F. **Principios de sociolingüística**: sociología del lenguaje. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 2015.

MUGICA, N.; SOLANA, Z. **La gramática modular**. Buenos Aires: Hachette, 1989.

NAVARRO TOMÁS, T. **El español en Puerto Rico**: Contribución a la geografía lingüística hispanoamericana. Río Piedras: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1948.

NAVARRO TOMÁS, T. **Critica a la clasificacion dialectal de Henriquez Ureña**. [S.l.: s.n.]. [1921].

ORTIZ LÓPEZ, L. A. **Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas**. Madrid: Iberoamericana, 1998.

ORTIZ LÓPEZ, L. A. El sistema pronominal (afro)cubano: pervivencia de vestígios lingüísticos del bozal afrocaribeño. **Anuario de lingüística hispánica**, [s.l.], v. 14, p.413-430, 1998.

PAGOTTO, Emílio Gozze. Ebulição e sedentarização linguística, o lugar da economia de subsistência na formação do Português Brasileiro. **Diadorim**, [s.l.], v. 20, p. 53-63, 2019.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolingüística variacionista**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-42.

PAREDES DA SILVA, V. L. Relevância das variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 67-71.

PARKVALL, M. **Out of Africa**. Africa influences in Atlantic Creoles. London: Battlebridge Publications, 2000.

PATIÑO ROSELLI, C. Una Mirada al Criollo Palenquero. Estudios sobre español de América y Lingüística Afroamericana. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 45, 1985, Bogotá. **Actas** [...]. Bogotá: [s.n.], 1989. p. 333.

PÉREZ LEROUX, A. T. Innovación sintáctica en el español del Caribe y los principios de la gramática universal. *In*: ORTIZ LÓPEZ, L. A. (ed.). **El Caribe hispanico**: perspectivas lingüísticas actuales. [S.l.]: Iberoamericana Vervuert, 1999. p. 99-118.

PERL, M. El español en contacto con lenguas africanas en América. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE LENGUA ESPAÑOLA, 2, 2001, Sevilla. Disponível em: <https://bit.ly/2kix2Qg>. Acesso em: mar. 2019.

PESKOVA, A. **Sujetos pronominales en el español porteño**: Implicaciones pragmáticas en la interfaz sintáctico-fonológica. Berlim: De Gruyter Mouton, 2015.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. **Variiedades lingüísticas em contato**: português angolano, português brasileiro e português moçambicano. [S.l.: s.n.], 2008.

PINTO, C. F. Los critérios sintácticos em la división del español. *In*: PINTO, C. F.; IRALA, V. B. (Orgs.). **Um dossiê de estudos lingüísticos hispânicos**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009. p. 61-97.

PINTO, C. F. Considerações sobre a origem e a caracterização do Espanhol americano. *In*: **Língua & Educação**, [S.l.: s.n.], ano 1, v. 1, p. 39-48, 2009.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, [s.l.], v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

RAMOS, J. J. **Marcação de Caso e mudança sintática no português do Brasil**. 1992. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1992.

PRESEEA. **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014. Disponível em: [HTTP://preseea.linguas.net](http://preseea.linguas.net). Acesso em: jun. 2018.

RAMOS, J. J. "Sociolinguística Paramétrica" ou "Variação Paramétrica". *In*: HORA, D.; CHRISTIANO, E. **Estudos lingüísticos**: realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999. p. 83-94.

RESNICK, C. M. **Phonological variants and dialect identification in Latin American Spanish**. La Haya: [s.n.], 1975.

RIVA, Juan Pérez de la. Cuadro sinóptico de la esclavitud en Cuba y de la cultura occidental, en *Actas del Folklore*. **La Habana**, [s.l.], v. 1, n. 5, maio, 1961.

RIZZI, L. A Parametric Approach to Comparative Syntax: Properties on the Pronominal System. *In*: HAEGEMAN, Liliane (ed.). **The New Comparative Syntax**. London/ New York : Longman, 1997.

RIZZI, L. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 65-78, 1988. Disponível em: <https://bit.ly/2klmZ73>. Acesso em: mar. 2019.

ROBERTS, I; HOLMBERG, Anders. Introduction: Parameters in minimalist theory. *In*: BIBERAUER, Theresa *et al.* **Parametric variation: Null subjects in minimalist theory**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

ROBERTS, I. **Verbs and Diachronic Syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1993.

ROJAS, Elena M. **Evolución histórica del español en Tucumán entre los siglos XVI y XIX**. Tucumán: [s.n.], 1985.

RONA, J. P. El problema de la division del espanol americano en zonas dialectales. *In*: MORENO FERNANDEZ, F. (ed.). **La división dialectal del español de América**. Alcala de Henares: Universidad de Alcala de Henares, 1993. p. 63-75.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SIEGEL, Jeff. Koinés and koineization. **Language in society**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 357-378, 1985.

STANLEY, S. P. **El problema de las variedades del español americano en la quinta zona lingüística según la clasificación de Henríquez Ureña**. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. **Ensaio de Linguística**, UFMG, Minas Gerais, v.13, p. 51-84, 1987.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THORVALDAR, T. T. **La vida es como un cachumbambé: Voces africanas en el español cubano**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Espanhola) - Departamento de Humanidades, Universidade da Islândia, Reiquiavique, 2015.

TORIBIO, J. Focus on clefts in Dominican Spanish. *In*: LEE, J.; GEESLIN, K.; CLEMENTS (eds.). **Structure, meaning, and acquisition in Spanish**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2002. p. 130-146.

TORIBIO, J. Dialectal variation in the licensing of null referential and expletive subjects. *In*: PARODI, Claudia *et al* (eds.). **Aspects of Romance linguistics: Selected papers from the Linguistics Symposium on Romance Languages XXIV**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1994. p. 409-432.

TUTEN, N. Donald. **Koinization in Medieval Spanish**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003.

VAQUERO, María de Ramírez. **El español de América I**. Pronunciación. Madrid: Arco/libros, 1998.

VAQUERO, María de Ramírez. **El español de América II**. Morfosintaxis y léxico. Madrid: Arco/Libros, 1996.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ZAGONA, K. **Sintaxis generativa del español**. Tradução Heles Contreras e Conxita Lleó. Madrid: Visor Libros, 2006.

ZAMORA MUNNE, J. C.; GUITART, J. M. **Dialectología Hispanoamericana**. Salamanca: [s.n.], 1982.

ZUBIZARRETA, M. L. Las funciones informativas: tema y foco. *In*: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (eds.): **Gramática descriptiva de la lengua española**. v. 3. Madrid: Real Academia Española - Espasa Calpe, 1999.